

Para a Academia de Sciencias de Lisboa



Sê bemdita!



Sii beata!
GABRIELE D'ANNUNZIO
(*Gioconda*)

ALMACHIO PINIZ
SALVADOR — BAHIA — BRASIL



MCMV





Abal revisto.
Estuachio Divis

Sê bemdita!

(Symbolo tragico-dramatico)

Obras de Almachio Diniz:

- 1—ALMAS ARTISTAS, serie de nove artigos de propaganda literaria, no jornal *A Bahia*, 1902.
- 2—POENTE, I ETERNO INCESTO, predicas de um Religioso, Bahia, MCMII.
- 3—RAIO DE SOL, romance em folhetim do jornal *A Bahia*, 1903.
- 4—A LITERATURA BRASILEIRA COMO ELEMENTO DA RENASCENÇA LATINA, serie de oito artigos n'*A Bahia*, 1903.
- 5—O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO HELLENO LATINISMO EM LUCTA COM O GERMANISMO, Bahia, 1903.
- 6—CRISES, romance publicado em folhetim do jornal *A Bahia*, 1904.

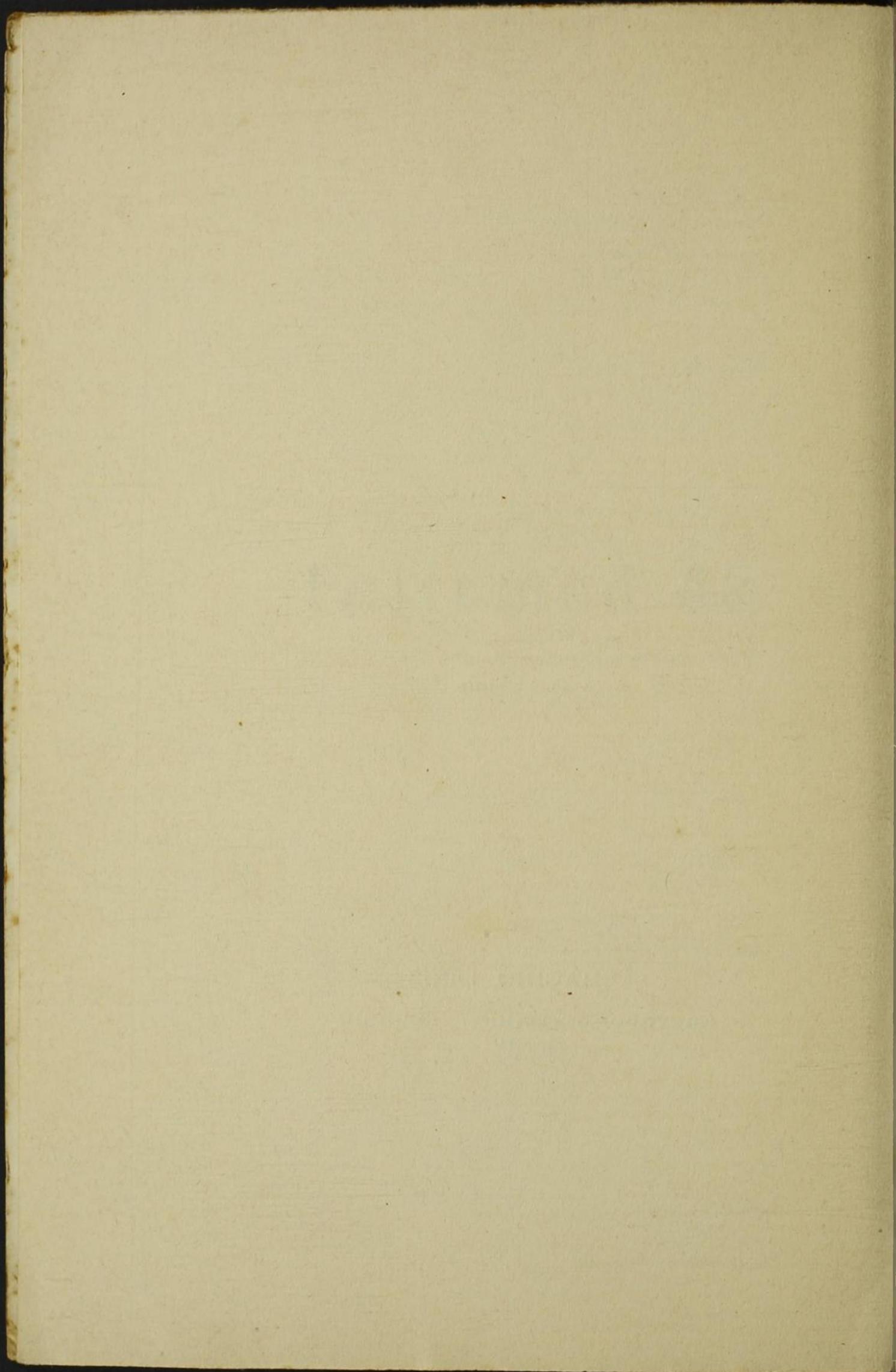
A publicar:

- 7—A PSYCHOLOGIA DO RUBRO, contos symbolicos.
- 8—POENTE, II TERRA TRISTE, tragedia symbolica-amorosa.
- 9—POENTE, III HOMEM VENCIDO.
- 10—O SOM, collecção de artigos de critica literaria.

Sii beata!
GABRIELE D'ANNUNZIO
(*Gioconda*)

Sê bemdita!

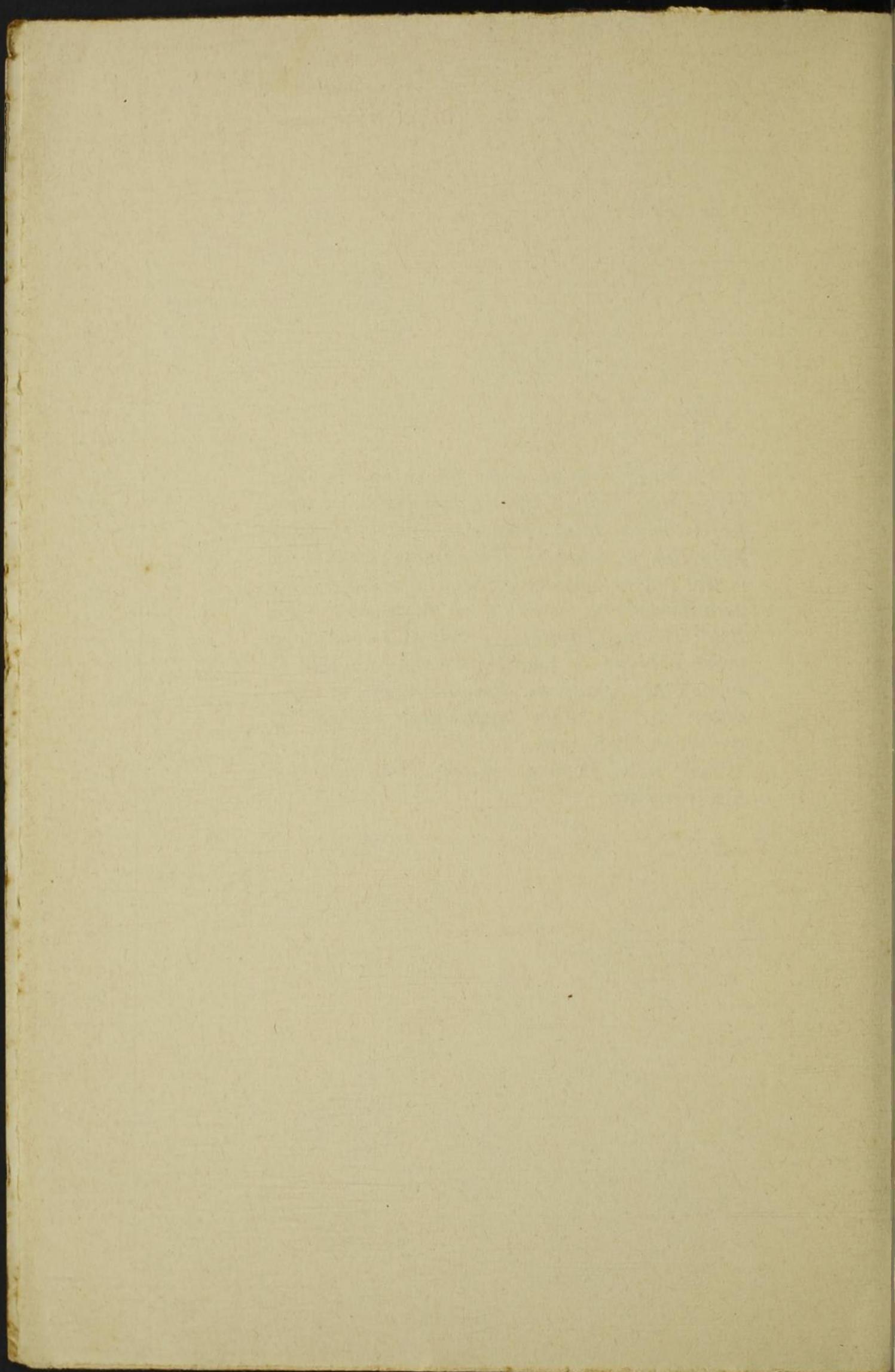
ALMACHIO DINIZ - *autor*
SALVADOR — BAHIA — BRASIL
MCMIV



V.

Lembraes-vos de nosso encontro naquella esplendida manhã d'estio formoso? . . . Pois bem; d'essa data, comecei a ouvir as vossas palavras, a admirar o conjuncto soberbo de vossas acções e assim consegui a vossa excelsa collaboração na desenhatura d'este sonho d'artista. Nestas paginas, procurando imitar a vossa nobreza de sentimentos, para o que os meus olhos seguiram, continuamente, a vossa vida, vae a mais justificavel recordação d'aquella hora emocionante e fulgurosa . . . porque nella ficou a origem d'amizade que nos irmaniza . . .

ALMACHIO.



FLAMMVLAS

. . . . la vie de l'homme sensible est un cri LAMARTINE.

*

. . . . un teatro d'arte sí, che fosse però la splendida iconostasi dell'idea eterna, la fulgida ara della Belleza eroica, l'eccelesia trigemina del Vero, del Bello, del Grande, dove al rito augusto del pensiero si aggiungesse il dell'anima e l'epopea del genio....
G. GRAMEGNA.

GERMENS

Dixit ergo Dominus ad Satan:
—Ecce universa quæ habet, in
manu tua sunt: tantum in eum
ne extendas manum tuam
BIBLIA.

*

. . . . Oui, nulle souffrance ne
se perd, toute douleur fructifie,
il en reste un arôme subtil qui
se répand indéfiniment dans le
monde!.... MELCHIOR DE VOGÜÉ.

FIGURACÕES

ELEAZAR—ancião pobre e severo religioso do trabalho, lavra a terra e, quando semeia, entõa kyries eternos e sagrados á pobreza e á paz dos homens.

DUDIA—joven d'olhos azues, muito azues e amorosos, tez queimada, vestindo pomposos trajos de rico, tem feições conservadas de nobre, gestos altivos de guerreiro e é christão convertido, guarda respeitoso d'um templo.

CASTALLIO—mancebo filho d'Eleazar, vicioso e corrupto, falsario e roaz, almeja o estygma d'assassino: sobre o seu nome pesa a autoria dos apupos contra os guardas e das pedras contra os templos.

BLANDINA—rapariga filha d'Eleazar, é uma deliciosa violeta que desabrochou entre penhascos de repetidos e infinitos soffrimentos atrozes. Bella, como as trigueiras filhas de Jerusalem.

NÓRA—mulher referida nos ardentes sonhos d'amores de Dudia, que vê o seu formoso rosto reflectido num refulgente astro d'alta madrugada.

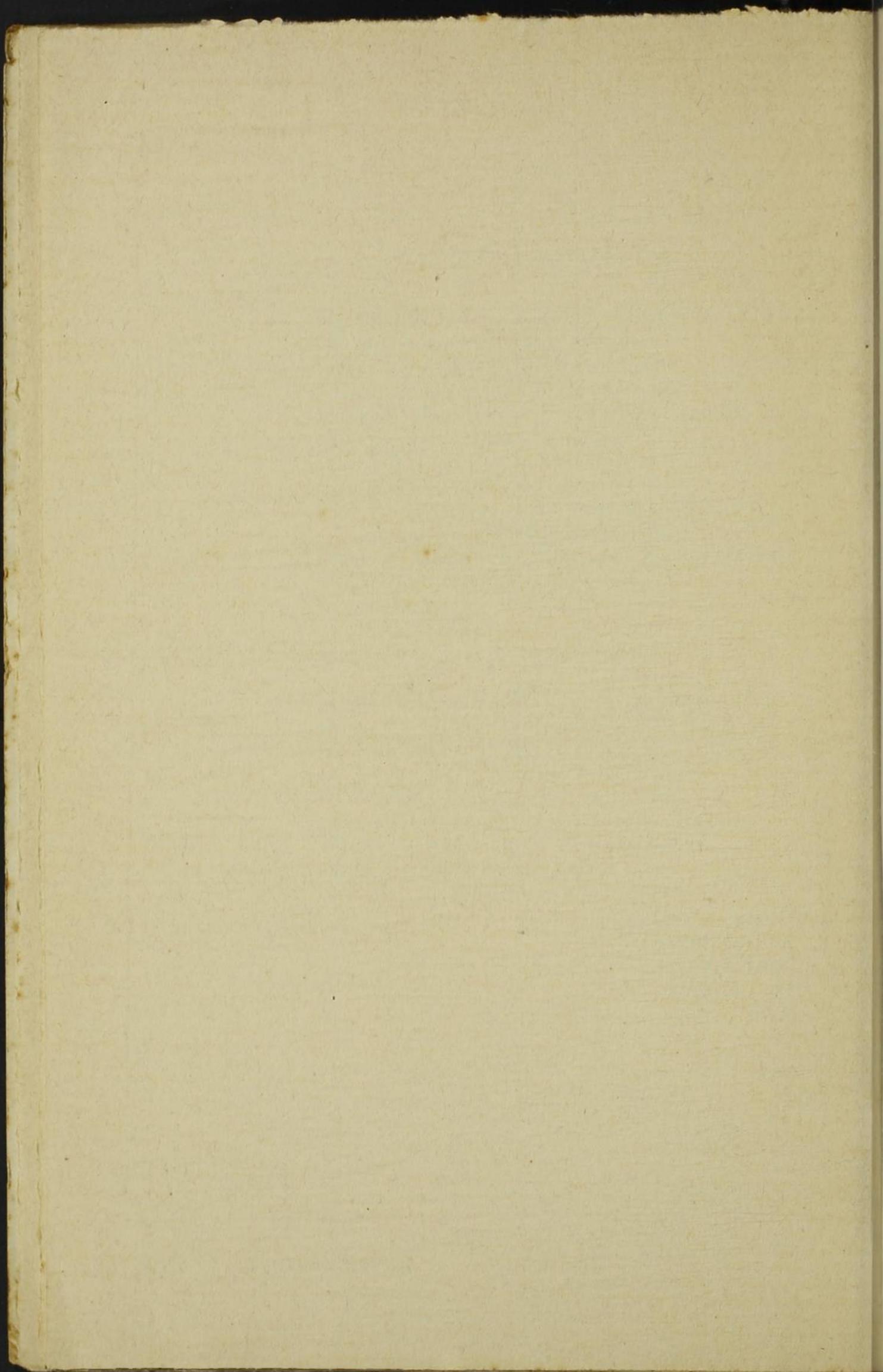
GUARDAS CHRISTÃOS.

MUITAS SOMBRAS.

MUITAS VOZES.

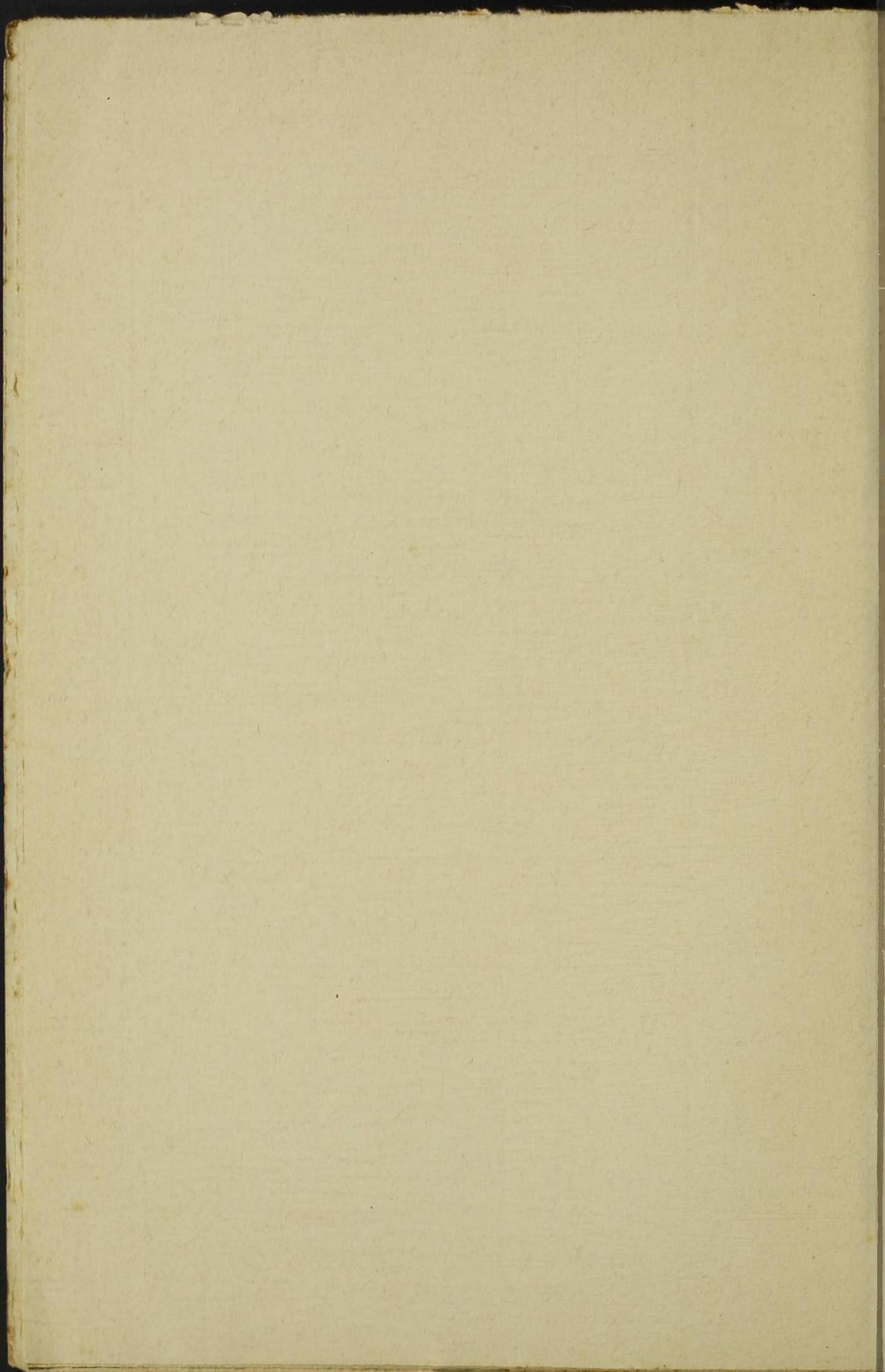
UM COMETA.

AVES.



COLLOQVIO PRIMEIRO

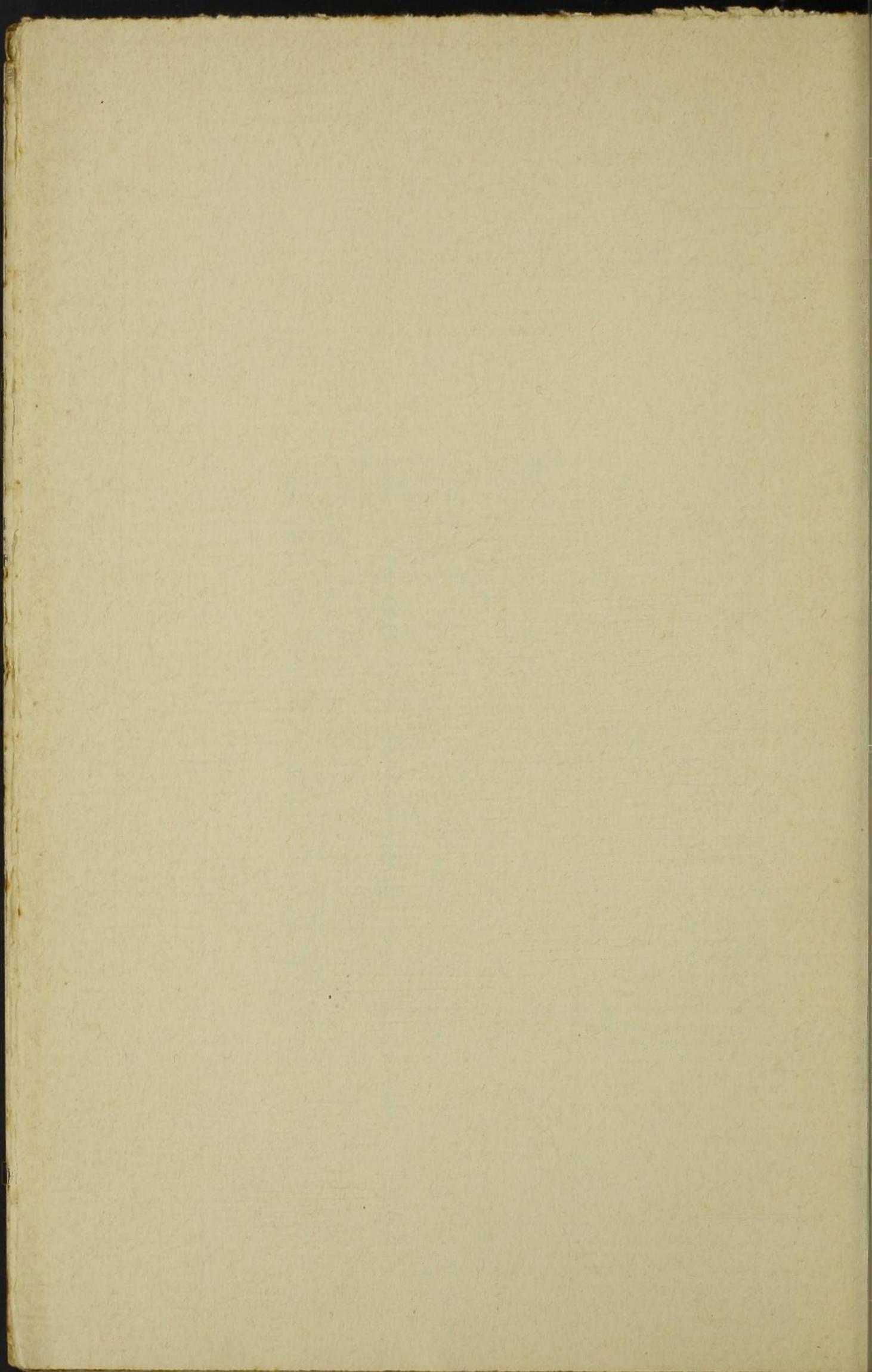
..... gladius exacutus est et
limatus BIBLIA.



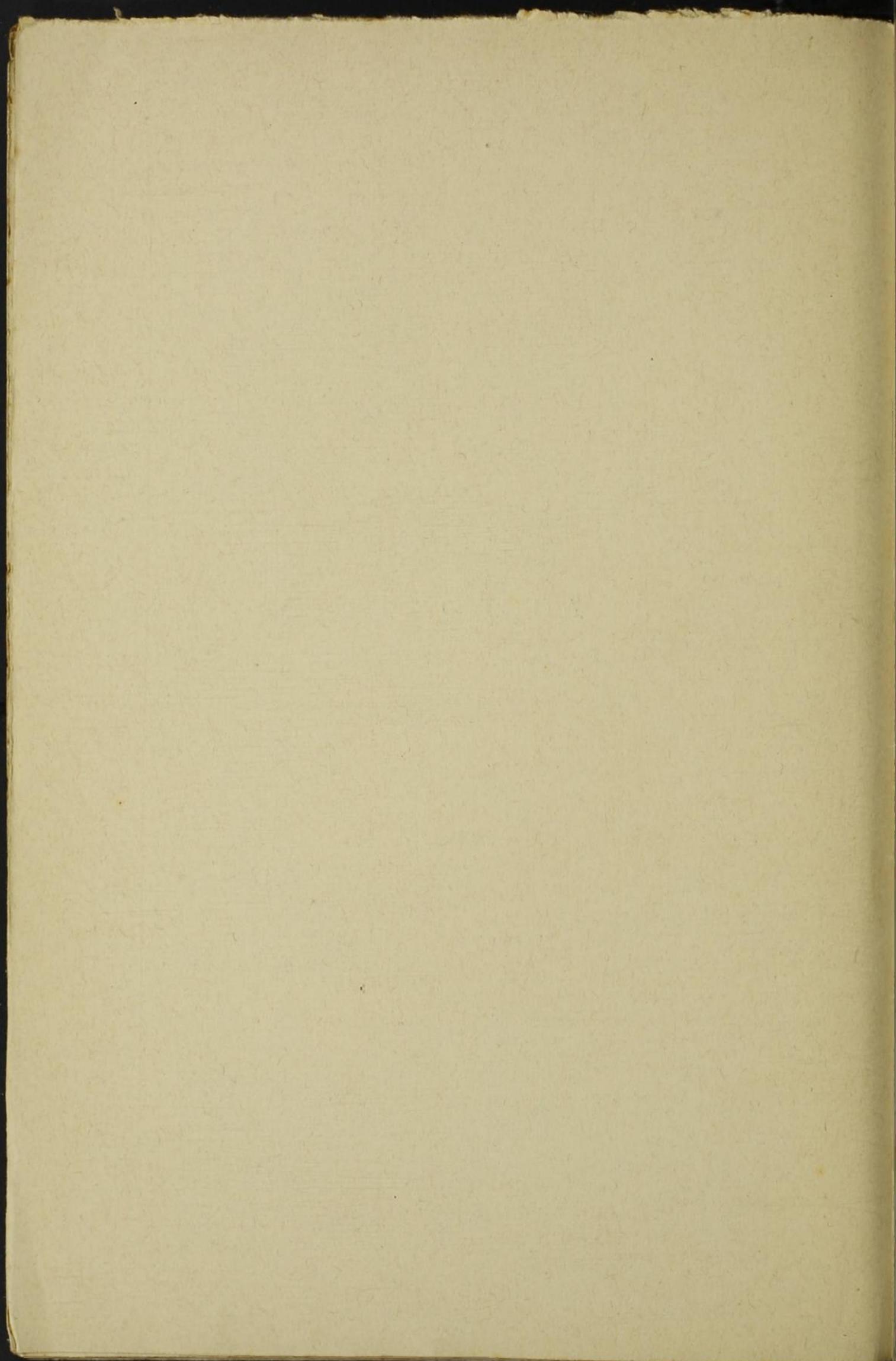
. . . . numa d'essas muito communs colmeias de soffrimento e de pobreza. . . . num vasto cazarão de mizerias, onde os gemidos se combinam com as dores cruciantes d'alma dos mais desafortunados e desprotegidos. . . . Ahi vivia Blandina, neste favo d'amargurosa existencia. . . . Corria, por toda a parte, a serenidade magna da finalisada madrugada fresca e palpitante de scintillações ineffaveis. Blandina, gosando todos os dons da belleza, como uma visão seraphica num andor resplandescente e rutilante de riquezas vivas, havia despertado aos tonitruosos accórdes que convidam os povos ao raiar alvorescente da grande luz, para as ceremonias de uma religiosidade cansada, tragica e dilacerante. . . . Num leito escasso de commodidades, dormia e senilmente resomnava Eleazar, um velho trabalhado em annos e desasocegos, que sentia exgottarem-se, na tristura amargurada d'uma finalisante vida de heroismos varios, os dias penosos d'uma existencia martyr e maguante. . . . E os sinos bimbalhavam, bronzeamente resoando, e assim echoando nas mudas cazarias somnolentas da aldeia. Fluiu, accidentalmente, um seculo renovado de feudalismo religioso e ditadura espiritual ultramontana. O gigante vencia, sem reacções efficazes, ao pygmeu, e os verdadeiros genios, evitando o contagio dos falsos, divagavam, nietzscheaneamente, nas solidões. O rosto da natureza, as faces da primavera, aos annunciados raios do sol de ouro, coravam-se e enrubesciam-se, pundonorosamente, escabriadamente. . . . Tudo era desconjunctado e

apparentemente são, como o cadaver de Valdemaro que viveu, bravamente, de sensações posthumas. De toda a vida assim, num unisono dolente e perfumoso, fugia, por entre as edenisações do diluculo indifferente, o orgulhosamente sensual protesto de saudações e recriminações aos excessos e desvarios Os noctivagos, pyrilampicamente, curiscavam, ás noites escuras, em alações indeterminadas. Todos os murmurios da infinita musica das esphas cantavam um poema quente d'emoções sublimes, de bellezas inadjectivaveis. O dia, d'aquella manhã, alvorava invernosamente; as horas partiam prolongadamente e não haviam as graças d'outros tempos expandidas nos actos dos primeiros seres sedusidos pelas alvoradas da luz, que o inverno, em meio, rareava e amarellescia. No templo hostial, brilhariam, ritualmente, as chammejações dos cirios, os marmores venerandamente augustos, como o passado d'uma raça decaida, transformando, para conservar-se, em cada veio multicolor de seus padrões, a historia d'uma epopea tragica, de uma illusão antiga, a tradição d'uma ignominia velha Córos eunuchianos entoariam, ineffavelmente, os canticos de cristal espelhante, que seguem o sacerdos magnus em suas ceremonias sacramentaes. . . . E seriam essas vozes tropicaes, embora, falseadas, candentes, por vezes, ouvidas á distancia, tambem no cazarão d'Eleazar, cazarão vivo, cujo symbolismo secular era o da lealdade da amante, afogada, mortalmente, nas lagrimas que lhe arrancára a ceifa do companheiro encan-

tador. . . . Seriam esses sons, que em correntezas mysticas e aromadas, despertariam o homem de seus sonhos de velho, protegido contra a frialdade das manhãs de fortes invernias, pelas calenturas d'um leito parco de commodidades, si os labios cariciosos de Blandina, balanceados por uma rhytmatisação de carinhos, sobre a fronte enrugosa d'Eleazar, sentindo a neve dos cabellos alvos de prata desfiada, não impuzessem o beijo auro-ral de respeito e saudação. . . . Em redor, porém, tudo era miseria! Era o interior d'um comodo excessivamente pobre e mal esclarecido com a luz da manhã acinzentada com as aguas das chuvas. A' esquerda, cultualmente, um velho nicho: nelle estava a imagem bella da Virgem, esmagando a serpe da perdição, e, aos seus lados, disseminavam-se muitas flores campestres. As paredes silenciavam vasia d'ornamentos, nimamente empardecidas pelos annos. A' direita, um leito, no alto, e uma porta quasi a escapar-se do scenario. . . . uma oleographia santa, circumdada com flores. . . . O leito era uma enxerga forrada de palhas seccas. Ao fundo, uma porta, um balcão e para a direita, um pesado movel archaico de madeira lavorada. No centro da estancia empobre-cida, uma lugubre banca d'estylo monachal. Em toda a quadra miseravel, apenas, tres tamborettes franzinos. Sobre a banca de baobah, uma lampada desprendendo enlanguescedoras illuminuras, inapagaveis, de todo, com as sombras da manhã escurecida. . . .



ACÇÃO



Num fio ininterrupto de blandicias e mimos, osculando Eleazar adormecido, Blandina monologava, constricta, como se dissesse as preces mais elevadas de seu coração carinhoso. E orava a encantadora. . . .

BLANDINA.—Tão calmo no somno! Quem assim o conhecer, não dirá, certamente, as dores que lhe tocam, abrazadoramente, a alma nobre. Verdadeiros são os que sabem pensar na viagem de retorno que é a vida humana! E assim, pae Eleazar parece bem uma creança a sonhar. . . . Os brancos enovelamentos de neve que lhe argentam a fronte, são o toucado de sua grande paz no somno. . . . Felizes os que envelhecem! Quando o vejo a dormir, tenho medo que os seus sonhos lhe sejam inquietantes: penso, ás vezes, que, por meu descuido, não o velando sempre, alguém lhe roubará a alma, que deve ser inteiramente minha. . . . Vou despertal-o beijando-o novamente, e elle sorrirá voltando á vida com o meu anelo. . . . Anhelos! . . . os meus só para elle têm sido. . . . Pae Eleazar recebe-os tão bem, que. . . .

E a virgem arqueiava-se e sobre a fronte encanecida do pae, deixava a dulcerosa impressão d'um osculo da mais exaltante cordialidade. . . .

ELEAZAR.—Deus te salve, Blandina! . . . tão cedo estás despertada? . . . Salve-te Deus, anjo bello! . . .

Já então despertado e affastando-se da maca, Eleazar, paternalmente agradecido, beijava Blandina que o amimava . . .

BLANDINA.—Salve, pae meu! ao ver-te á luz nova d'um dia a mais . . .

ELEAZAR.—Regosijas-te. . .

BLANDINA.—Sim! . . . Ditosa filha que te possúe, pae amado! . . .

ELEAZAR.—Tão bella nos teus fatos mais novos! D'onde vens já desadormecida, tão cedo, onde vás com o frio amanhecer? . . .

BLANDINA.—A's missas vou, pae querido! . . .

ELEAZAR.—Estás entristecida . . .

BLANDINA.—Si as chuvas caem nos campos e molham os caminhos e as veredas?! . . .

ELEAZAR.—Bemditas aguas dos céos! Teus olhos, Blandina, ostentam a vigilia da noite. . . O halo da dor, num halo violeta, cerca os teus olhos gracis. . . Tens por martyrio teu o que fallar para mim . . .

BLANDINA.—Junto a meu pae, na terra, sempre alegre estarei. . . Quando tu dormes, tranquillamente, o teu socego inquieta-me. Despertada não posso ter tristezas junto de ti, meu pae . . .

ELEAZAR (*imperativo*)—Esta incerteza de que me enganas, que preferes, ás escondidas, um outro que te mina o coração amoroso, que te escravisa, impondo-te a servidão do amor, quéda-me, ás vezes, cheio de angustias. . . Tu amas, e lê-se

na tua frente, um d'esses segredos maravilhosos que o somno nos apresenta sob a forma fantastica dos melhores sonhos, como si voltassemos, ao luar, a leitura de uma pagina oriental das mil e uma noites. . . .

Escondia-se n'alegria que lhe mascarava o semblante, a incommensuravel tristeza d'alma de. . . .

BLANDINA.—Não, pae!

Passava-se um ligeiro mutismo, vivendo apenas as contemplanções, de parte a parte. Esta attitude era martyrisante para a mulher que, por fim, murmurava para si mesma. . . .

BLANDINA.—Tanta hypocrisia em mim que lhe não sabia mentir!

Como elle se inquieta, sem que eu lhe possa, por falta d'animo, confessar, inteiramente, a verdade, todo o meu amor, todo o meu grande amor, todo o meu feliz martyrio! Traio-te, pae immensamente amado. . . .

Num crescendo de sua terna voz, para ser ouvida, proseguia. . . .

BLANDINA.—Em que extranho factó estará emaranhado o teu pensamento?

ELEAZAR.—Aos olhos do pae amoroso, o corpo da filha é um vitral, atravez de que se percebem mais as tristezas do amor que as alegrias da vida. . . . Não me illudirás. . . . E tu sonhaste com abundantes tristezas que te magôam a alma.

O Rei Galaor, num impeto de zelo paterno, contra o qual não valeram os interesses da Rainha Gudula, vasou os olhos da Princeza Sybila, para esta não ver o homem eleito que a fascinaria; mas a princeza, céga e infeliz, viveu por amor da voz de seu amado e soffreu querendo-o immensamente. . . . Tu amas, Blandina, e teus sonhos. . . . Inda esta noite, ouvi-te proferir nomes. . . .

BLANDINA.—(com languores) A's vezes, pae, cerram-se-me as palpebras e os sonhos povoam-me a mente. . . . Mas desperto e a insomnia, inda esta noite assim o foi, me infelicita. . . .

ELEAZAR.—Sonhaste. . . .

BLANDINA.—Sonhei. . . .

ELEAZAR.—Um sonho máo, bem comprehendo!

BLANDINA.—Um pesadelo.

ELEAZAR.—Dores e tristezas, sem grande esforço, lêm-se em teu semblante divino.

BLANDINA.—São as alegrias d'um sonho interrompido e vago. . . .

Houve uma dolorosa pausa. Os sinos chamavam insistentemente para as matinas. Neste interim, esquecida das realidades perturbadoras, recomeçou sombriamente. . . .

BLANDINA.—A luz vinha acordando ainda. Um sopro extranho agitava o enredamento dos ramos, opulentamente verdes, das arvores. . . . Tú eras rico e tuas riquezas amontoavam-se em litánias prolíferas. Tinhas ouro e muito ouro. Os teus campos eram ferazes e abundantes. O terreiro, por ahí além, nos vallados e nos montes denteados e ferteis, tinha gado e o seu gado era muito nédio,

muito são. As carneiradas que se apascentavam tintinabulando garrulamente os seus chocalhos, eram em centenas. As aves, as andorinhas da primavera, chilrantes, viviam em familias numerosas, cantando e chalrando alegremente. Quando o sol irradiava, toda a natureza era encantos e disseminava, para inveja dos homens, felizes magias. Tudo era muito. Profuso era teu ouro e....

ELEAZAR.—Porque te deixas, filha, contaminar com as corrupções e com o fermento venenoso do mal?

BLANDINA.—No campo, festejavam-se as nupcias de dois pastores, e as flores das laranjeiras eram olentes e marfinicas. . . .

ELEAZAR.—Suspende o teu basto sonho!

BLANDINA.—E' preciso dizer-te tudo! (*Moderada a voz*) Elle já comprehendeu. . . .

ELEAZAR (*desasocadamente*) — Levar-me-ás até a agonia, num só momento. . . .

BLANDINA.—Não te posso comprehender.

ELEAZAR.—A velhice, suppõem os moços que seja confusão. . . . Ella é profundeza e como aquelles não alcançam a altura dos conceitos, como si vissem as aguas d'alto mar, distinguem-lhes os aspectos da confusão. . . . A profundidade, porém, é verdadeira. . . .

BLANDINA.—O teu estoicismo inda o é mais real.

ELEAZAR.—O teu sonho foi bello; a tua visão, entretanto, contraria o futuro!

BLANDINA.—Banalidades de sonhos.

ELEAZAR.—Ah! filha adorada. . . . Nellas estão, todavia, as nuvens que toldarão a belleza do céu azul. Sinto deante de meus olhos, um espectáculo

radiante: é a superficie límpida d'um pantano que reflecte as pinturas das quebradas e serranias visinhas. Debaixo da tona quieta e calma, estão fervilhando milhões de peçonhas, e existe um abysmo humanamente insondavel. A polychromia de tua visão é o velario da desgraça. . . . Sonhaste e o teu bello sonho será o meu novo sacrificio. . . .

BLANDINA.—Ah! céos d'infinita belleza! não deixareis sobre nós cahirem as iras dos teus santos deuses!

ELEAZAR.—Sim! elles não deixarão, não deixarão. . . . Os velhos, entretanto, são tão fracos, tão amorosos. . . . Resistirei, porventura, ás comburentes encenações das terriveis desgraças? . . .

A magnolia é muito franzina para resistir incolume ás queimaduras do cáldido verão: nelle, porém, é que ella floresce perfumosa e immaculada.

Então? o que vejo me não faz o mal que aos novos poderia fazer. Sou timoneiro tenaz e vélas para a borrasca. . . . Por acaso terei tremido alguma vez?

BLANDINA (*excitada*).—Apunhalas, sem dó a minha tranquillidade.

ELEAZAR.—Tranquillidade! Tu me enganas. . . . Não tens tranquillidade, ha muito. . . . pois, si tu amas um rico, um nobre e tu és. . . . camponeza. . . . alarve. . . .

BLANDINA.—Pae?

ELEAZAR.—Alguma desgraça encobre-se em vélinos de sonhos. . . .

BLANDINA.—E d'ella, injusto agora, fazes-me a mensageira terrivel. . . .

ELEAZAR.—Os preconcios das iras ou das festas celestes, são vindos por anjos. . . .

BLANDINA.—Ai! que implacavel tortura!

ELEAZAR.—Bem te digo eu. . . . Esta noite, tambem, previ em sonhos. . . .

BLANDINA.—Tambem tu? Como as tuas palavras penetram-me nalma!

ELEAZAR.—Sonhava e emoções de hysterismo, remoçando este organismo cansado e que cegamente obedece ao iman da cova, traziam-me desconsolações ennervantes.

Eu vi os altos céos cubertos de nuvens rubras como o teu sangue de virgem. O scenario, muito chagado, tinha aspectos de princezas nuas, esbordadas nos excessos das orgias. . . . Vermelho sopro batalhava o mar de hervas, e a lua, candente, os altos céos cortava, deixando uma longa esteira de rubis, como um fio de sangue na pelle negra d'uma nubia. . . . D'inicio, lanzudos anhos, pellos côr de ferro em braza, balavam um furibundo berro. Estallidos de bulções, sceleridades de curiscos, tangiam, sem rumo, a passarada dos seus nocturnos e affastados apriscos. . . . Camellos rubros, como confidentes de poetas do gongorismo extravagante, dormitavam somnolentos e preguiçosos. Aguias de fogo, sentinelas fortes da dor num matrimonio d'estampidos, cumpriam os rituaes todos dos paranyphamentos. . . . Nos mares côr de sangue, Vesper alta, como uma cabeça de gigante sem corpo, ás aguas, para as revoluções e trombas marinhas, exaltava. . . . E eu vagava, sem rumo certo, nos campos em que os espectros das arvores eram medonhos. . . . Num

sopro das brizas, ia, corruptor, o miasma da fome. . . . O trabalho era uma tosca pedra, um enorme monolitho, que só deixava medrar em torno a macéga do ócio. . . . E quando a lua cheia cubria-se com as colchas vermelhas das nuvens altas, o espaço, derramando-se nelle oiro fundido, effeminadamente, revestia-se com galas fluidas e amarellas. . . . Por vezes, pensei estar observando um palco, atravez de bioscopicas creações da humanidade. . . . E assim, nuvens brancas, além, feitas de prata moldada em arabescos leves, ligeiras e furtivas, passavam como virgens núas, corridas e apupadas pelas ruas. . . . Ensanguentadas resas. . . . cataractas gigantes de sangue e humores viscosos. . . . iam vivendo, aqui, alli, em toda parte. . . . E eu gyrava em torno de mim mesmo, como um solto astro nos espaços. . . . Num suspiro do mocho—a alegria das selvas. . . . num vitreo silencio—as energias da vida. . . .

Uma pausa.

Blandina foi ao nicho e espargio de lá, olhares dolorosos sobre todo o scenario de dor. . .

ELEAZAR (*continuando*).—Vestiam-me o corpo, grinaldas de cinamômos petreos e luctuosos. Havia em tudo uma catastrophe e em mim as emoções das fatalidades. Soavam aos meus ouvidos, as gargalhadas assoberbantes do ouro. . . as zombarias trovejantes da prata. . . . as clarinações de travejamentos que desabam nos obtusos tinidos do bronze. . . .

Milhares de corpos humanos escabiosos, num crac-crac d'ossos orchestrados, chocavam-se em lucta tremenda, disputando a vil moedinha aurife-

ra que apreçava a vaidade humana. Tudo era o ouro. O fanatismo das riquezas. Tinhamos sede e a agua caia em gottas, formando no sólo, em metallisações brilhantes, os estalagmites d'ouro. Eu seguia sentindo as inilludiveis metamorphoses da realidade tristonha. Vi-me, pois, herculeamente vencido deante de teu cadaver mumificado e pintado d'amarello fecundo de gyra-sol...

Blandina voltou-se para o nicho e enramalhava as flores, detendo-se, por vezes, para ouvir, sem voltar-se, a voz amiga que fallava as fantasias d'um morbido. E a virgem, simulando-se desprendida, inquietava-se e deixava, por descuido, embora, que os aculeos pontilhassem as carnes de suas trigueiras mãos...

ELEAZAR (*sem interromper-se*).—D'ouro eram os teus cabellos e os teus olhos.... D'ouro todo o teu ser.... Já me affligia a sede tormentosa e as gottas d'agua-ouro excitavam-me a saciedade. As vozes não me eram perfeitas e eu comprehendia que a athmosphera rarefeita não era um meio sufficiente para as vibrações sonantes.... Foram sonhos ou mesmo um sonho d'um velho doente, porque os velhos todos são doentes dos nervos... Mas foram sonhos de luxuosa prophesia, previsões entre os rijos despedaçamentos dos pezadelos e dos somnos profundos...

Uma voz gritava no terreiro, forte e alacre. As chuvas, o sol nado, estiavam, mas os céos permaneciam nublados.

ELEAZAR (*com ardor*).—Quem grita nas portas

de meu lar, interrompendo, de tão proximo, a tranquillidade de minha velhice?

BLANDINA (*medrosa*).—Escuta, pae E' Castallio, o meu irmão . . . Como não sabe cantar, elle grita phrases rimadas e a sua vóz mette-me medo... Escuta, pae E' Castallio, o meu irmão

A mesma vóz extranha, feito o silencio na humilde camara, gritava, nervosa, os versos d'um poeta que morrera num hospicio de loucos e dementes Pae e filha escutavam attentos

CASTALLIO (*fóra*).—Neste lar vive-se a dormir...

ELEAZAR (*irritado*).—Maldito! Ingrato!

BLANDINA.—Por Deus, pae! escuta

CASTALLIO (*gritando e chocando a porta com os punhos cerrados*). . . .

Mão dolorosa que semeia cardos

Prefiro no meu canto . . .

Com algemas de tranças, dou-te laço,

De tranças lindas de cabellos pardos . . .

Mão de Rainha, por ti e no teu manto,

Eu rolarei no espaço! . . .

Mão d'Assassina!

Onde se agita um formigueiro exangue,

Flacida como os olhos da Donzella

Anemica, sem sangue! . . .

Maldizem-te os perfumes da bonina,

Mão de Lydia Bella! . . .

Mão quente e dolorosa

De grande fidalguia! . . .

Mão terrivel ! por quem cantos hostis eu faço,

Os homens de ti vingar-se-ão, um dia,
Clamando contra ti, mulher vaidosa,
Mulher de vil palhaço!...

Mão que eu beijei!
Olhando a tersa forma de teu corpo nũ,
Da memoria a grande custo hei de varrel-a;
Os homens que sabem o nome que te dei,
Provando nas orgias o teu sangue crú,
Apontarão com elle alguma nova estrella!...

Eram estas as lastimas das
carnes d'um corpo doente, re-
fundidas agora nos labios d'um
perverso e enfermo!...

ELEAZAR.—Como gritam os musculos do meu
primeiro filho, aos vermelhos encubertos d'um di-
luculo d'inverno!... Terrivel sangue máo na effer-
vescencia da noite escura da decadencia d'uma
raça!...

Castallio interrompia Elea-
zar, ferindo com pancadas,
soffregamente, a porta do copè
paterno, onde havia sempre um
agasalho e um trecho de pão
para a fome e lagrimas para a
sua desventura...

CASTALLIO (*barulhoso*).—Ouço-lhes as vozes...
Palram esquecidos de mim!... Olá!...

ELEAZAR (*paternal*).—Abre, Blandina, abre...
Não o deixa bater....

Abriam-se, de par em par, as
portas e entrou a figura rispida
de....

CASTALLIO.—Tenho fome e tenho frio... Para

o frio tenho as pelles das minhas ovelhas.... Para a fome, quero alimentos....

ELEAZAR.—Pão existe nos meus parcos celloiros e vinho na garrafeira.... Come e bebe....

Inclinando-se, com amargo reconhecimento, Castallio voltou-se e iniciou, madrugadamente a refeição, enquanto se reatava o dialogo de Blandina e....

ELEAZAR.—Inda chove? Bemditas aguas que fertilisam os campos, onde são felizes os esforçados.... Ainda tenho as sensações grosseiras do instante em que te vi mumificada... E lembro-me bem, que aspirei um teu sorriso, filha amada, e que as tuas feições de solidez aurifera, moveram-se depois de gargalhadas diamantinas de moedas d'ouro...

O teu sorriso esboçava veios metallicos, aurificações medonhas... Elle tinha uma amargura infinita, prolongada... uma recordação mystica e dolente do passado... E o sol, despreendendo chispas d'ouro, em rigorosa chuva d'inverno metallizado, queimava tudo, carbonisava os corações em irradiações incomparaveis para as periferias dos corpos... Um gargalhar metallico era ouvido sonorosamente... Bem sei que eram os sinos concitando os fieis, como tu, para as matinas! Elles, porém, tiveram parte nos dramas de meus sonhos... Uma gotta d'agua saciou-me a sêde, um beijo teu ao meu despertar... Vem dar-me outro, mais outro, muitos e muitos, Blandina... Logo mais serás escrava do teu amor, e então...

BLANDINA (*religiosamente*).—Doloroso!...

ELEAZAR (*teimando*).—...todos os teus beijos serão d'outrem, mais feliz... As sobras serão para o pae, até o momento, não muito distante, d'abrir-se a minha sepultura...

BLANDINA.—Agera é que é preciso ter-te muito zelado e bem junto de mim...

A virgem tinha nas feições a bella frescura das efflorescencias de magnolias. Uma luz benéfica illuminava o seu espirito acostumado ás fulgurações das brancuras do soffrimento...

BLANDINA.—Previsões de desgraça, disseste... O ouro é a semente das anarchias... é alguma fatalidade medonha, como o verme do incendio que corróe os seguros alicerces d'um edificio feliz... Tenho agora a tristeza d'um luar de quasi pólo... eternamente ennevoado, profundamente baço... Sinto em mim as fornalhas d'um Vesuvio tonitruoso e fluentemente ignivomo... Desejo gritar e correr como uma creança... Vejo todas as folhas já desprendidas dos ramos, como as minhas esperanças do cofre sanguineo, d'onde flúe o meu sangue nitente... Desfaz-se a minha confiança no futuro... oh! futuro! as tuas galas são de ouro! as tuas vestias de metal! debruças-te para o vale das aurificações! como és previdente, meu pae!...

ELEAZAR.—Para o ouro, porém, ha um braço possante que o derrocará—a vontade humana!...

BLANDINA (*resoluta*).—Os homens não têm vontade.

ELEAZAR.—Este braço de velho, ainda é quente como uma noiva nubia, envolta em véos de trans-

lucidez e em grinaldas de prodigiosas florações indígenas—tem sangue e acção!

BLANDINA.—Sem guia será destruidor como os polypos que derrocam os rochedos...

ELEAZAR.—O nihilismo talvez....

BLANDINA.—Destruir... porque?

ELEAZAR.—Porque tudo se refará...

BLANDINA.—Ao cahos... nunca!

ELEAZAR.—A elle, e d'ahi se construirá o grande novo edificio, sobre as ruinas cavernosas do destruido...

E os sinos, sóra, eram escutados com as asperidões d'uivados de tinidos auríferos. Castalio suspendera a mastigação e contemplava, emmudecido, os alimentos. Blandina, cuja existencia segetal, singela, tinha a requintada fulguração de lua ingleza, transfigurára-se em martyr dolorida....

ELEAZAR.—Si o ferro, o fogo e a morte decidem de tua humanidade, ó homem feróz, uza-os porque o delicto é o germen do Bem!

BLANDINA.—Não! Sem a destruição, sem o alarma do nihilismo, sem as ruinas do derrocado—desthronando o ouro—victoriosa a vontade humana—surgirá a Felicidade, vencerá a harmonia, a pacificação universal dos elementos vivos!

ELEAZAR.—Ah! sim... Por emquanto, bamboleiam sonoridades metallicas, os sinos de bronze...

BLANDINA.—E brilha dourada a eucharistia...

ELEAZAR.—D'ouro são os chavelhos dos Papas...

BLANDINA.—Não! A religião do ouro será vencida.... Ella está esphacelada....

ELEAZAR.—Sejam, então, as vossas preces pelo sublime e nobre....

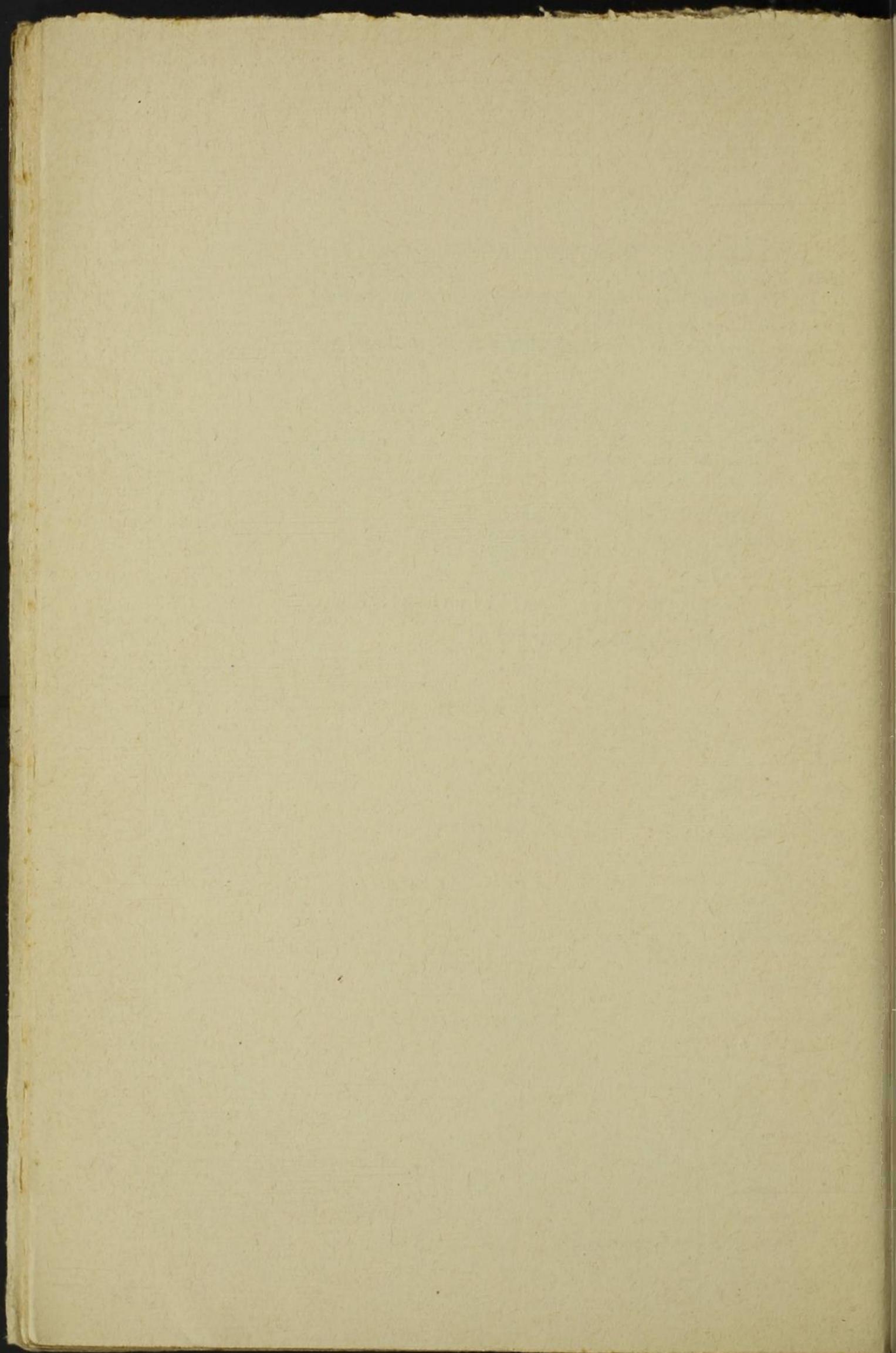
BLANDINA.—Culto ou Religião da Pobreza e da Felicidade Humana!...

CASTALLIO (*partindo*).—Velho doente! ah! ah! ah! ah!

Pallida, pallida e longinqua, velada em nuvens d'inverno frio, nos campos, nos prados, nas casarias, nos templos, vivia a luz do sol, eternamente senhor dos Mundos... Hostia d'ouro dos Infinitos, aclarava os universos submissos, com a dispersão das chumbadas nevoas d'epoca....

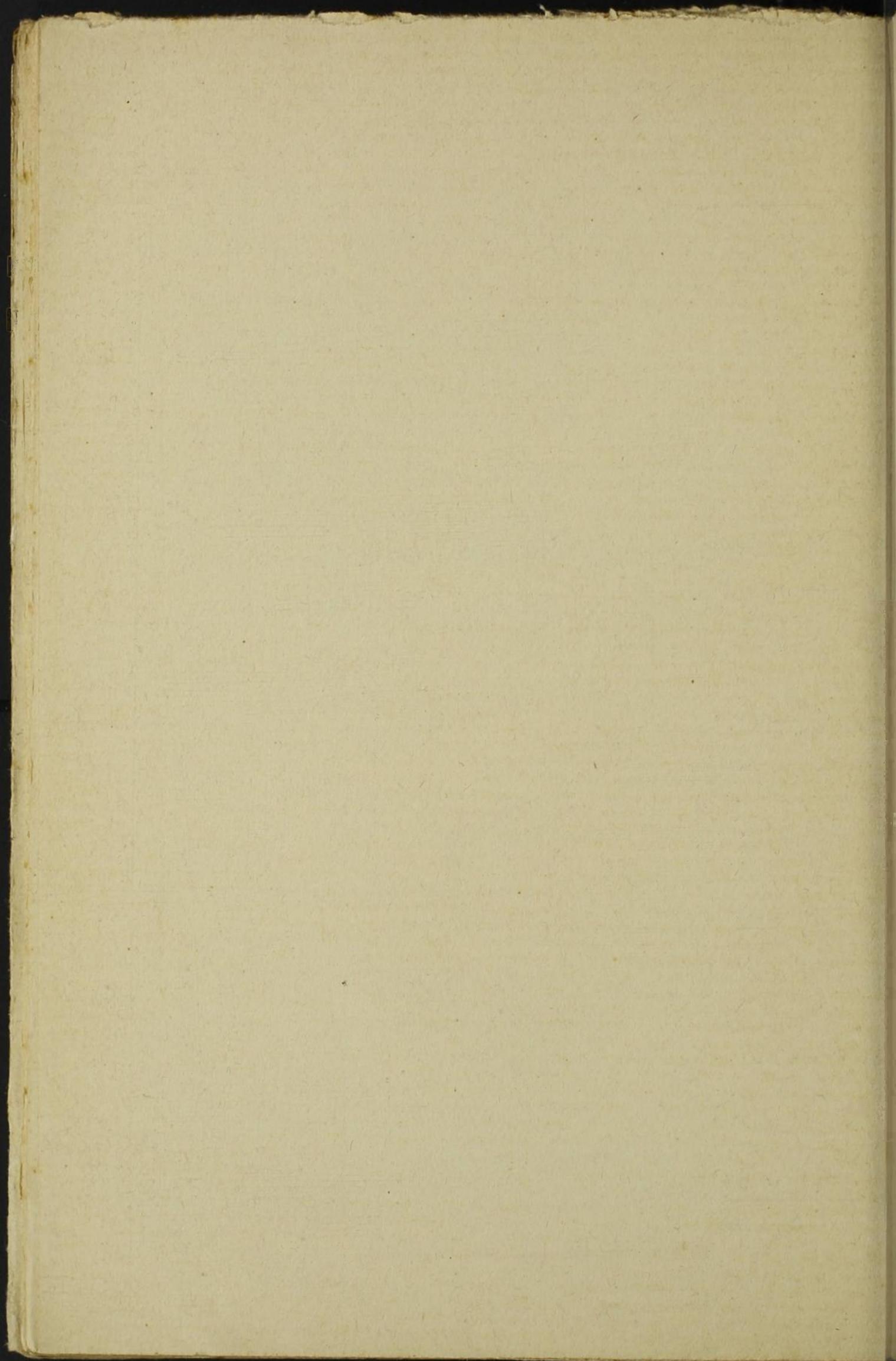
CASTALLIO (*rindo*).—Ah! ah! ah! ah!...

Inteiro mutismo, de parte a parte....



COLLOQVIO SEGVNDO

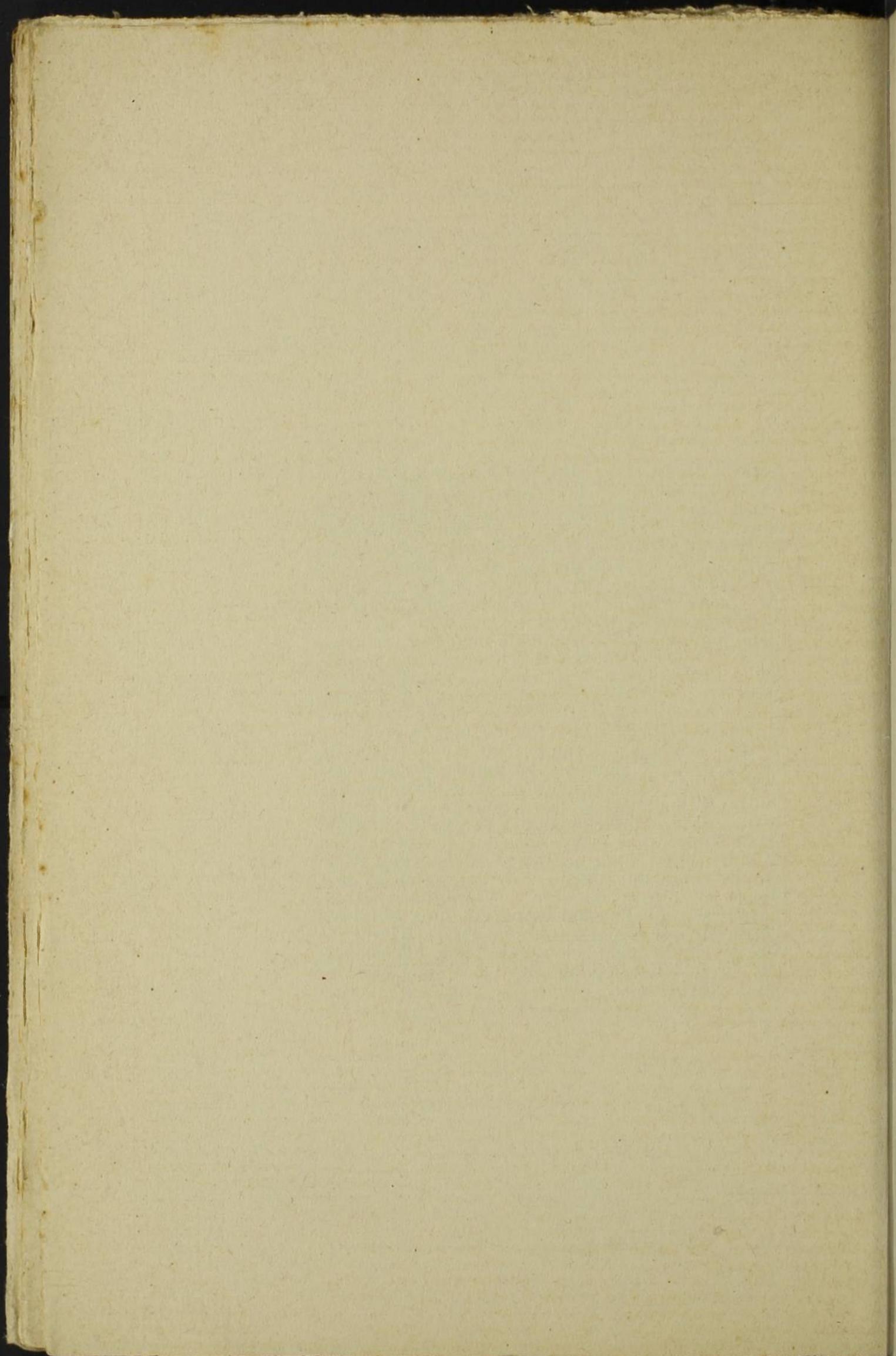
..... Quare misero data est lux et
vita his qui in amaritudine animæ
sunt?..... BIBLIA.



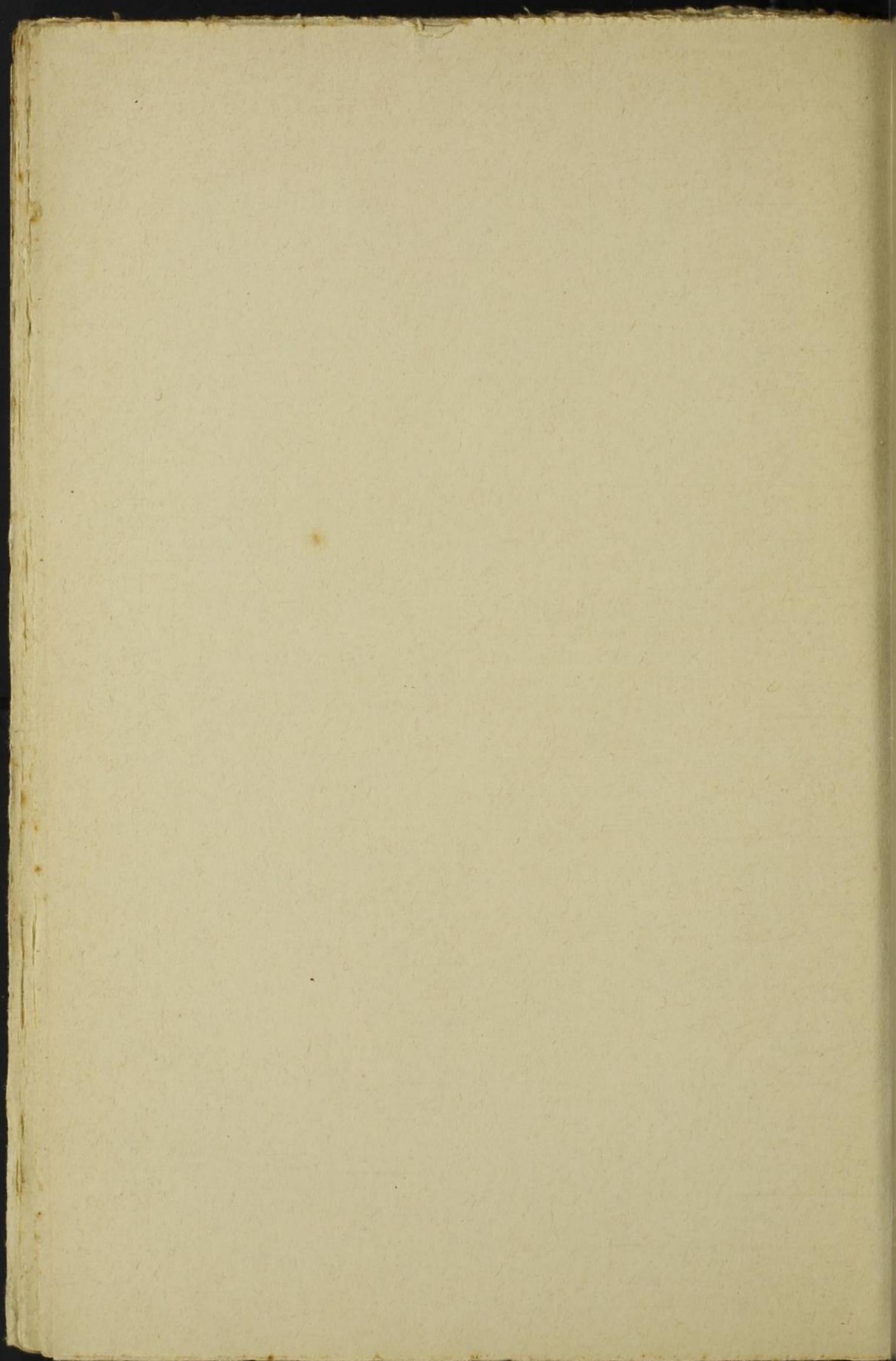
. . . . desciam nos azues da tarde serena, os últimos lampejos da grande luz As aves derreadas, uma a uma, somnolentas já, cabriolavam nos seus vôos de zig-zag A grande e visinhacidade religiosa, com as suas torres alvacentas, com os altos e multiplicados zimbórios cathedralescos, tinha o aspecto de quem ia repouso na reticencia do sublime facho, na hibernação fecunda d'essas energias vitales que geram o universo num só todo. As sonatas, famintamente agoireiras, d'ave cantada nas psychologias endemoniadas d'Edgard Allan Pöe, recommçavam echoando nas exterioridades acusticas do grande templo. Dudia cantarolava, tristemente, repoisado com delicia, sobre o seu bastão aos serviços do grandioso Infallivel do Christianismo Ultramontano O mar espelhando as faiscacões que, pacificamente, resurgiram nos céos, phosphorecia e relampagava facetados brilhantes. Um enorme valle distendia-se, em dolencias soluçadas por multiplas ramaras, como as symphonias incomparaveis de circos funambulescos de distantes aldeamentos, onde subiram á scena, as pantomimas alinhavadas de rubicundos e extravagantes saltimbancos Ao longe, no infinito vacuo, em ancias, desenhavam-se, eloquentemente, alterosas linguas de terra As verdejantes vegetacões que marginavam os rios musicistas, dansavam, na paz solemne d'azul, o galope indefinido de suas oscillações indeterminadas, comparsas d'uma dansa macabra, como em um mysterioso salão do tom e da acustica Como forças altas e nobilitantes, as estrellas iam

descendo de seus thronos, bellas princezas indecisas, tristes, sem serem scepticas, primeiramente, pestanejantes, como os recém-despertados, depois, com a fecunda e absoluta clemencia de penetrantes olhos intelligentes. E quem não sentiria nessa hora melancolica, o coração encerrar-se num véo d'instantanea viuvez, como se acabasse d'ouvir a lenda do Titão de Tubalcaim, internar-se em uma magnifica monologação d'ideias reclusas entre as causas absolutas da tristeza humana, tornar-se solitario nas margens d'um poço profundo, em cujas aguas se reflectam as maguas das lactescencias nebulosas, que se produziram, escandalosamente, para os profanos, das revira-voltas milenarios do nada.... Uma onda de seivas regenerantes e frescas, talvez, corresse, desapercibida dos nullos, pelas campinas das encostas, em cujo alto se via, como a imagem na téla decorada, inundante de fatalismos e transfigurações, a effusão plurisécular do anti-voltaireano templo das culpas e das mysteriosas paixões humanas.... E a tarde perdera a ultima restea, em um revolteamento luminoso, em aureolas d'insondaveis trevas: caminhava, beatificamente, para o solemne socego da vida, o qual ia nubinando-a prolongadamente.... A's portas guardadas d'um templo branco, magestoso, ostentando estylo gothico e mexicano, janellas e portadas ogivae, permanecia, respeitoso e esforçado, Dudia, um guarda christão... A' esquerda, corria um bosque em despenhadeiro, que chegava ás aguas d'um caudaloso rio, cujas sonatas, algumas vezes, eram ouvidas á distancia...

Arvores e arvores, verdes, floridas, desperdiçando olores silvestres e indigenas, mais perfumosos, quiçá, que os perfumes orientaes e mysticos dos eloendros e carabacios.... Ao fundo, por um declive, alcançava-se o desdobramento da cidade religiosa, sossobrada nas claridades baças da luz finalisante: muitas torres, muitos zimbórios, muitos monasterios, altos castellos, chammejando, conservadoramente, por um feudalismo de habitos, o feudalismo supinamente medieval, do qual, por evolução inevitavel, desenvolveu-se a civilização das guerras rhythmadas e mais crueis e mais ferozes e mais devastadoras.... A' direita, a fachada d'uma cathedral alvejante ao luar e nobre ao solsticio, de grandes portadas, onde outr'ora fizeram esmolos, infinitos mendigos, e, agora, guarda christão, pomposo, de lança em riste, com o ar fatigado de quem soffria repetidas vigílias, Dudia sentinellava melancolicamente.... Ao centro do que se via, completamente impassiveis, nas plantas de Dudia, dois outros guardas, já estatelados no barro humido do monte, descançavam, perto e muito perto das desillusões, das raias da descrença ultima.... Eleazar e Blandina aproximaram-se, aquelle semi-amparado nos hombros d'esta, até que sentado sobre as raizes d'uma arvore decepada pelo zelo d'estrategia occasional, Eleazar, de longe, contemplava a cidade extasiada.... inebriada....



A C Ç Ã O



Scismava Dudia, quando Blandina e Eleazar avançavam, pachorrentamente, no local. . . . O guarda espreitou-os, e quando d'elle, descuidadamente, foise aconchegando a encantadora Blandina, murmurou. . . .

DUDIA (*scismadoramente*).—Não posso mais soffrer tão dilatada tortura. . . . São horas de meu extasiante supplicio. . . . Surge no firmamento o meu astro magnifico. . . . E' bello porque reflecte, ardorosamente, o formoso rosto de Nora. . . . A hydra de meus amores devora os meus sonhos felizes em seu nascedoiro. . . .

Pausaram os sons.

Blandina escutava, disfarçadamente, a apaixonada voz do guarda. . . .

DUDIA (*prosequindo*).—Das altas torres, em tempos bem claros, ás vezes, ninguem vê as formigas andarem nas areias. . . . E' inviolavel o padecimento dos fortes. . . . O amor! o amor! Tão distante das terras que me viram nascer! ai! que infortunio o meu! De quem serves tu, azinhavrado ouro? Aos meus ouvidos, para eu ouvil-o e repetil-o, como agora em minha feliz recordação, falou muitas vezes o meu philosopho excentrico: «Deve ser de lagrimas, d'anciedades, de sacrificios, de gemidos, e, sobretudo, d'angustias, a experien-

cia conseguida pelo homem sincero, que pecou louvando o Eterno Feminino» . . .

Blandina ia chegando como o surgimento d'uma fecunda luz alastrante, mais bella que o astro fascinador de Dudia, reflectindo o formoso rosto de Nora, e, já perto do guarda, a filha d'Eleazar simulou surpreender-se com a presença de Dudia, a quem ella não buscava desviar de suas profundas scismas . . . Elle, entretanto, não mostrava, siquer, para falsear as tonalidades de seu modulamento, ter percebido o avishamento da mulher attraida...

DUDIA (*doloroso*).—Amargura sem par, inaudita crueldade, a da minh'alma que se encerrou, como um candido lyrio numa athmosphera de gazes oxydantes, nos castellos fantasticos de riquezas seculares E os pobres são tão felizes porque não têm ouro ! O meu bornal está cheio Hoje me agrada ser caridoso Dar, porem, dar muito, para alliviar o peso da carga do que é meu Ser caridoso ! . . . A caridade, aliás, foi condemnada pelo meu philosopho que me instruiu outr'ora «Dois males, dois profundos males, decorrem d'esse máo habito que os homens têm de fazer caridade: um é manter uma crescente malta d'ociosos, que não cuidam de si, porque a philantropia alheia os mantem; outro é sustentar, fortalecendo, ampliar, proliferando vicios, o egotismo do humano». D'ahi, porque ser dadivoso, se concorrer vou para a permanencia de grandes males, que o meu philosopho estigmatizou? Bem

sei que ha pobres honestos e que têm fome. São, pois, bastante infelizes! Eis ahi um verdadeiro contraste do que soffro: o meu crime é ter ouro Si blasphemo, é porque tenho douramentos muitos, cujas origens se perdem na longa genealogia de meu nome nobre . . . ouro farto que me faz descer as pestanas ao peso de sua flagrante maldição A consciencia dita-me, certamente guiada pelo coração que amou, a sua completa renuncia ou o meu empobrecimento total Renuncial-o? eu? Elle que me chegou ás mãos, cuidadosamente zelado por uma serie de honestos, de que sou sobrevivente? Por certo seria a maior das prodigalidades e eu não a farei Guardal-o-ei, como ao meu sangue azul E' a herança dos mais longinquos antepassados de meus avós

A Virgem, que havia, com a dextra, tocado o hombro de Dudia, saudou-o respeitosa-mente

BLANDINA (*curvando-se*).—Guardem-te, zelosas, as estrellas illuminadas que brilham nos azues, formoso guarda da Cruz!

DUDIA (*como que despertando*).—Si a vida queres ver Ah! Queira-te Christo, o meu santo e amado Deus, no reinado das Puras e Immaculadas, formosa Blandina!

BLANDINA.—Zumbaias e lisonjas tuas, que me enfermam

DUDIA.—Para dizer-t'as, puras intenções m'as foram ditando com a tua soberba visão

BLANDINA.—Bem o vejo e creio que para ti o crepusculo que se finda, traz um genio d'expansões e de sorrisos Felizes os que não choram!

DUDIA.—Num crepusculo de Maio, pela ultima vez, cerrei, entre as minhas, as mãos de Nora, do meu primeiro amor Ennerva mas escravisa a vigilia da noite

BLANDINA.—E's dotado de profundos presentimentos. Serão estas as oblações que te faz o vermelho sol occiduo?

DUDIA.—Bem póde ser, si elle fez offerenda para dotar-te de formosura e d'encantos

BLANDINA (*mofando*).—Mas vale o ouro do rico do que a belleza da virgem Viste passar aqui Castallio?

DUDIA.—Si é Castallio quem procuras nas margens do grande templo, quando os mansos corações dos homens se fecharam, humildemente, para as preces, afim de que, urgente, volte a vida á natureza com o diluculo do dia que virá, erraste, evidentemente, o teu caminho, perdeste o atalho que elle seguiu Si os guardas fieis da Cruz não o lançaram nas correntes da condemnação dos males que elle ha praticado, vae busca-lo na luxuria das lobas, fóra das portas d'esta cidade. . . . Alem, galgando escólhos, na mais recondita furna, Castallio estará dormindo e solitario, talvez

BLANDINA.—As tuas palavras, Dudia, enchem-me o coração com as brazas do desengano Castallio saberá viver e é o canto das tempestades que embala a pirataria fogosa Eramos duas flores silvestres: uma o vento arrebatou nas dissoluções de seu torvelinho; a outra ! . . . ai! infeliz. . . a outra

Dudia não cessava d'olhar
Blandina, e remoia pensamentos,

com paternal cuidado, para elles jamais se perderem Era um leão, cuja juba, num curto instante, estava pisada pela mulher

BLANDINA.— a outra, brotada sobre a penha desprotegida e erma, vive chagada e batida pelas canículas

DUDIA.—Aliás, Blandina, as flores de raça, têm maior desventura: mal se apresentam perfumosas, são decapitadas pelas mãos das vaidosas, que se ornaram com tamanha alegria, que, para fazerem a maldade, deixam pulsar, jubiloso, o feróz coração A minh'alma, porém, desperta ao menor ruido, e, o meu coração humildece-se ao primeiro embate da desventura alheia

BLANDINA.—Ah! não fosse a esperança, para mim, um traiçoeiro facho, um fogo fatuo que me serve de santelmo na noite escura da minha desventura; tivesse eu castellos e riquezas, tudo daria pelo desvio de Castallio da senda de vicios e de crimes

DUDIA.—Castellos e riquezas Antes o teu sorriso, Blandina, sorriso que me seduz, espelhando a tu'alma bem formada, houvesse sido a herança sagrada de meus paes Irmã, ninguem me roubaria o teu coração; noiva, para coroar-te de flores, envergaria os europeis d'angustia e da desgraça

BLANDINA.—Nunca! nunca! não trocarás o teu ouro pelo sorriso da mulher que amas, porque elle deixará de ser a sagrada herança de teus paes para tornar-se no martyrio de teus prazeres

d'então Quem não presente o infortunio que lhe está para bater ás portas?

DUDIA.—Nem tu calculas a profundeza de tuas palavras e por ouvil-as, sempre, daria todo

BLANDINA.—Arreponder-te-ias

DUDIA.—. . . . o meu desesperante ouro !

BLANDINA.—. . . desesperante ouro ! . . . Como é um sonho fugace, o amor? como elle consegue illudir aos homens mais . . . humanos ! . . . Arreponder-te-ias . . . bem cedo . . .

DUDIA.—Não insistas! O ouro é o pedestal supremo em que me collocou a desventura . . . Sou uma estatua qualquer que se illumina ao sol e se arruina com a chuva . . . Por Deus! não sorrias de mim . . .

BLANDINA.—E's rico . . . Cavalgas o corcel luxuoso da desventura . . . Si tal fizesses, quantas vezes te lembrarias dos cegos que passam nas florestas sem bordão nem moço, a caminhar sobre os barrancos duros que lhes cortam os pés?! . . . Tens hoje a vida num batel ornado de jasmims, e pensas que a ventura se prolongará alem dos limites das riquezas . . . Si a tens, é porque estás rico . . .

DUDIA.—Muito, Blandina!

BLANDINA.—Tens palacios sumptuosos, castellos onde impére a tua vontade, na alegria ou na dor?

DUDIA.—Sim . . .

BLANDINA.—Tens amores muitos e nobres?

DUDIA.—Muitos, não . . . Uma noite, amei uma mulher bella e loira com um amor tão forte, capaz de resistir aos deuses . . . Nora! tão bella ! . . . agora tão distante . . .

BLANDINA.—Amaste? Em teu coração já poisou, em seu vôo rotineiro, o insecto d'amor? E só porque tiveste dinheiro, conseguiste esquecer-te da mulher amada! . . . As horas passam-se ligeiras, e o amor se esvae do coração do homem que póde trocar as promessas da mulher, pelas realidades fugidias das longas excursões . . . Que formosa mulher e que espirito feliz o que te soube causar amor! . . .

O dialogo proseguia . . . Eleazar mostrava-se, de seu afastamento, interessado com os trechos ditos por Dudia e Blandina, escutando-os, sensibilisadamente . . .

DUDIA (*em confidencia*).—No amor ha uma fatal e inevitavel affinidade, que nos conduz á cegueira . . . Faz-se irresistivel o homem . . .

BLANDINA.—Não te comprehendo, Dudia . . .

DUDIA.—Amei, de mais, a voz que promessas me fazia, e a meiguice de seus sons, quando de mim exigia, a palpitar d'amor como creanças em correrias, a pobreza para identidade dos nossos corações . . .

BLANDINA (*afastando-se*).—Pobre de Nora! . . .

DUDIA (*seguindo-a*).—Féra, lobo, chacal, maior que o incendio de Pompeia, foi sempre o meu amor ao ouro . . . Nora era toda como tu: formosa, pobre, e, talvez . . . indifferente ás minhas palavras d'intenso amor . . .

BLANDINA.— Já m'as disseste? . . . Tudo me confunde e arrebatá . . .

DUDIA.—Negar-me-ás, provavelmente, com pa-

lavras, o que o teu nobre coração me dá em sentimentos . . .

BLANDINA (*hysterica*).—Jamais protestarei, envolvendo a minh'alma no fél . . . Serás como o propheta que, se alimentando com raizes, esqueceu-se dos acepipes que a sorte, noutros logares, lhe proporcionára sobejamente. . . E, como elle, te esquecerás dos alimentos, si uma nova attracção te subjugar. . .

DUDIA (*animoso*).—Longe de mim passem as viboras mil das seducções, ou que seja veneno, o meu ar, um ninho de chacaes sem alma, o meu lar . . . Foram demais fortes as exigencias de Nora, que hoje se fundiram no meu apunhalante remorso . . . Cedi sem relutancias, ao imperio de meu oiro . . . e parti, abnegado, na companhia das mesnadas guerreiras que guardam os solemnes templos da Cruz . . .

BLANDINA (*vencedora*).—Si tanto fizeste mais esqueceste a mulher que amaste ! . . .

DUDIA.—Renunciei a mulher, pelo ouro!

BLANDINA.—Pégos alliciantes se abrem debaixo de meus pés que carregam o ninho d'um espirito perturbado com os teus contos . . .

Soergueu-se Eleazar, e aproximou-se, tropegamente, dos contendores . . .

DUDIA.—Rico e amado ! . . . fazer d'um só voto a finissima ascenção da mulher que amo. . . a tua elevação, Blandina . . . aos pincaros da fartura . . .

ELEAZAR (*chegando eloquentemente*).—Nunca! nunca ! . . . Tudo tenho ouvido . . . As tuas palavras . . .

Dudia sentiu-se surprehendido e unindo-se, fidalgamente, ao fio insinuante de seus reconditos desejos, humildeceu-se deante d'ancião....

ELEAZAR (*peremptorio*).— Amor!.... Riqueza!.... Tudo tenho ouvido, e, mesmo.... já o sabia....

BLANDINA.—Oh! não!.... Pae Eleazar!....

ELEAZAR.—E pensaes, vós ambos, tu tambem, Blandina, que vos espera a felicidade num lar onde o ouro chocalhará?

DUDIA (*agitado*).—Por certo: elle dourará os nossos sonhos d'amantes....

ELEAZAR.—Assim talvez fosse: a verdadeira felicidade dos que amam, é partilharem estes a mesma dor!.... Requeimar-se-á aquella alma, que sahindo da tranquillidade em que vive, buscar alcandorar-se ás ostentações da rosa d'oiro ou dos cravos de pedrarias custosas....

A noite descia mais profunda.... Sobre os semblantes reflectiam-se as melancolias do crepusculo acabado.... Blandina, ao som das palavras d'Eleazar, readquiria a posse integral da pureza e da nitidez de seu ser....

ELEAZAR.—O ouro não compra sentimentos... A fidelidade é uma burla, quando não póde viver espontaneamente o amor.... As iconoclasias das epochas são filhas dos profundos golpes na disposição moral e espirital do amor....

DUDIA.—A fidelidade é um dever, e, na ver-

dade, os deveres não se compram. . . . Entretanto, por camadas densas de preoçcupações, os homens poderão aitingil-a. . . .

BLANDINA (*com meiguice*).— Sim ! . . . A fidelidade é um dever e a larga e luminosa amplidão dos tempos, póde geral-a. . . . Sem amor é que nunca. . . .

ELEAZAR.—E quando não ha amor. . . .

BLANDINA.—Foge a tranquillidade e a desgraça tem o seu somno mais leve do que a ventura. . . . Então. . . .

DUDIA.—Mas o ouro prodigalizando—valles de rozas e edens soberanos, dando corpo aos chaos das imaginações futeis, tudo readquirirá. . . .

ELEAZAR (*vehemente*).—Com falsidades. . . .

BLANDINA.—Ouve bem, Dudia : não te bastará o ouro ! E' preciso que elle não exista. . . .

DUDIA (*escarnecedor*).—Como não deve existir a vaidade das mulheres. . . .

ELEAZAR (*vigoroso*).—Sim : a vaidade feminina que o ouro traz, mas não aquella que a natureza, sabiamente, criou. . . . O ouro traz a vaidade torpe, o orgulho impolido e selvagem, a pretenção, emfim. . . .

DUDIA (*com energia*).—Basta, Eleazar ! A velhice vos é sabedoria. O methodo e o dogma de vossa fé, são grandemente convincentes. . . . Tudo renunciarei. . . .

ELEAZAR (*resoluto*).—E' tarde !

BLANDINA (*convincente*).—Não ! pae Eleazar ! nunca é tarde para o arrependimento. . . .

ELEAZAR (*grandioso*).—E' tarde ! E's orgulhoso, Dudia ! Não podem intimidar-nos as sonoridades

douradas de tuas palavras grosseiras. . . . E's homem e mais mundano do que os outros, porque ignoras o mais sublime dos ideaes humanos. . . . o mais elevado dos idolos religiosos. . . . a mais santa divindade—a pobreza!

Titubeante nos passos perturbados, com um nervosismo extranho de phrase, Eleazar quiz partir. . . . e fallou tragicamente. . . .

ELEAZAR.—Partamos, filha! O convivio dos ourados póde fazer desvanecer-se-te a ultima esperanza. . . .

DUDIA (*soffrego*).—Blandina! Blandina!

BLANDINA.—Tens ouro e não terás amor. . . . porque não querem o teu oiro!

ELEAZAR.—Tens ouro e não tens fortuna. . . . porque não tens tranquillidade!

BLANDINA.—Tens ouro e não tens felicidade. . . . porque não terás uma mulher que te acompanhe!

ELEAZAR.—Tens ouro e estás perdido longe da tua patria!

BLANDINA.—Sem um coração amigo que se una ao teu, insociavel porque está metallisado! Sem o coração que amas, porque o atemorisa o teu ouro!

ELEAZAR.—Tens ouro e não tens glorias, porque não tens uma religião de verdades!

DUDIA (*irritado*).—Senhor!

BLANDINA.—Renega o ouro e serás feliz. . . . Terás amor!

A lua já clareava as espessas trevas.... Dois guardas adormecidos iriam despertar para a rendição das sentinellas do Templo ameaçado de destruição....

BLANDINA.—Tranquillidade d'alma terás junto d'alma irmã da tua!....

ELEAZAR.—Venturas te não faltarão com a mulher amada....

BLANDINA.—Mulher que te acaricie os enovelados anneis de tua cabelleira....

Dudia agitava-se, polarizado com o maravilhoso desejo de ser feliz com o amor de Blandina.... Mas o dever chamava-o ás realidades do serviço religioso....

ELEAZAR.—Religião....

DUDIA.—A da pobreza humana?

ELEAZAR.—Sem duvida! Essa mesma do Nazareno Crucificado....

DUDIA.—Serei feliz renunciando os ouros de meus paes?....

BLANDINA.—Amado!

DUDIA.—Por ti, sabia mulher?

BLANDINA.—Muito, muito....

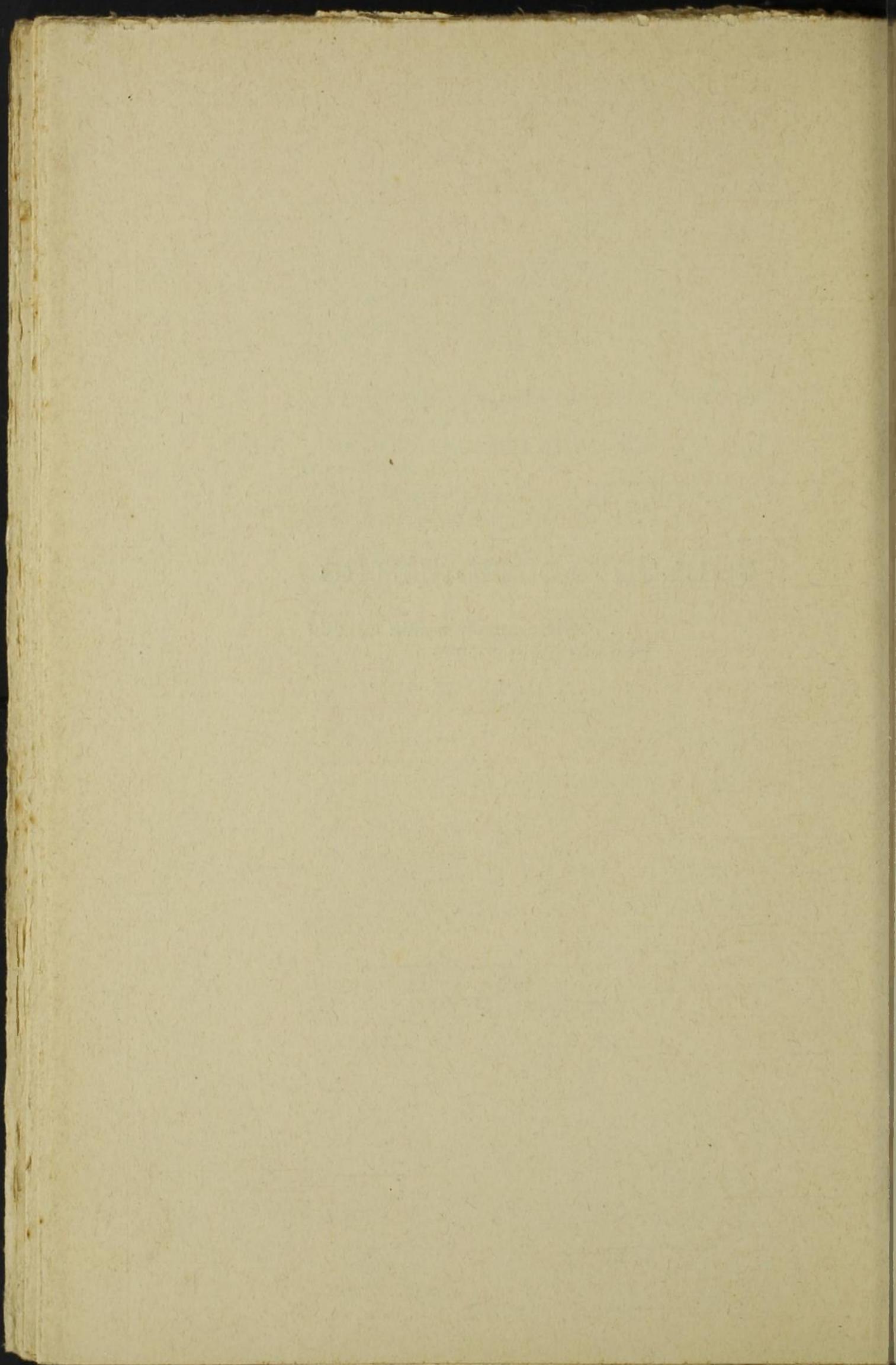
DUDIA.—Doce fé que sanifica as almas nos momentos dolorosos!....

A lua erguia-se no seu berço de nuvens prateadas.... Os guardas moviam-se e Dudia ia ser rendido....

Paz iniciada.

COLLOQVIO TERCEIRO

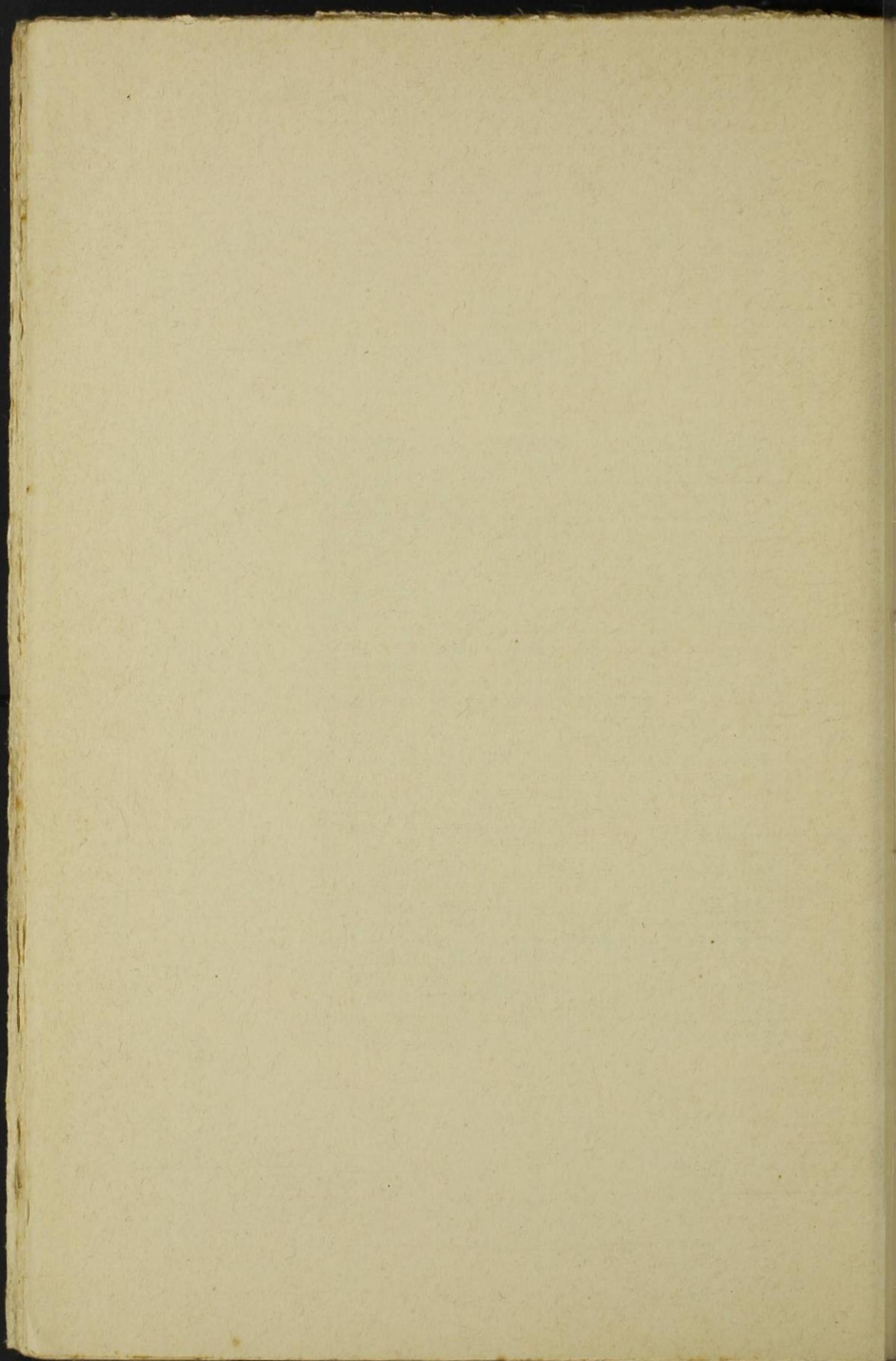
. . . . Hæc autem omnia inimitia
sunt dolorum.—BIBLIA.



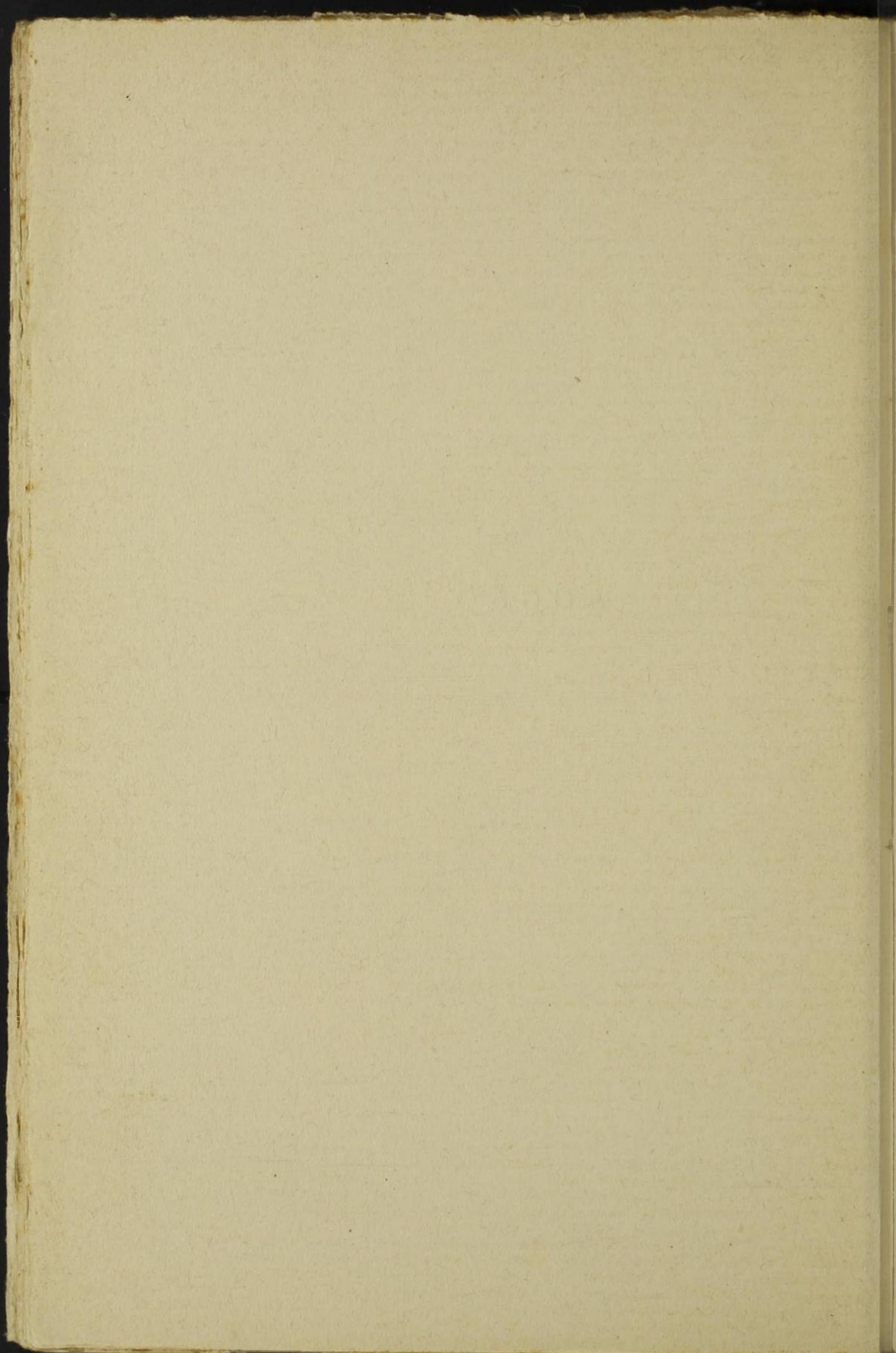
....á sombra do oliveiral que fructificava, abundantemente, guardas christãos, muitos, acabavam d'estabelecer acampamento. . . . Em toda a parte crescia um sussurro animado de vozes, que era bem o protesto intimo das convicções que levavam tantas almas ao abnegado allucinamento religioso. Olhos cheios de lagrimas e quentes de borbulhantes dores, exprimindo as febris tristezas dos affastamentos—*silet dum non ardet*—, paes que abandonavam filhos e esposas, irmãos que deixavam irmãs, noivas que ficavam sem noivos,—olhos cheios das resplandecencias sideraes, porque contemplavam, insaciaveis, os mysterios das grandes constellações que testemunharam, lá, em terras outras, os seus primeiros brilhos de amor, olhos alentados com a phosphorescencia photographica, para o sempre, do eterno adeus da mãe querida, que lá ficára com a mais santa e lyrial candidez—, olhos muitos, vigorosos em perscrutarem todas as manobras da vida sobre as necropoles dos corações alanceados, olhos muitos, commoventes e pungitivos, de lagrimas aureolados, todos elles os tinham alliadamente Na multidão dos guardas, inundada e calcinada pelo fetichismo arruinador da verdadeira crença, havia a accentuada paixão pelo ideal que teria de ser defendido contra os que impellissem a acção para o renovamento da verdade esquecida. Os melindres, os escrupulos, os zelos, os receios desabrochavam, naquelle instante mystico, quando o extasi doce-doloroso dos despresados amores do lar, invadia, alastrantemente, saciadamente, ás almas todas. Era num frenesi de dores e re-

cordações, que se fecundava o dever e calçava-se para outros pensamentos, a reminiscencia dos homens. Si todos conseguissem fallar, com um som mais forte do que as clarinações dos bronzes, o esmagamento e a tortura do sentimento e da affeição que lhes iam nalma, não vingaria o temor religioso, e o coração alforriado das carneiradas da superstição, com os eloquentes segredos de sua intuição natural, ascenderia ás immaterialidades d'amor triumphante. Dudia apartava-se do dominio das miserias collectivas, e, caminho das solidões, tinha no imo, o que vinha, indiscretamente, á tona de suas embriagadas feições, o remorso do crime nefando, que toda a humanidade salvaguardava, morbida por convenionados motivos, bem profundo até o feroz derramamento do sangue. . . . Deixára, no extremo do soffrimento, um'alma de quem exigira o sacrificio do matrimonio, irrealisavel, caprichosamente, pelos douramentos profusos de seus innumeraveis castellos d'amor. Seguia, offegante e perplexo, dourado por uma doce persuasão d'uma morte heroica, em companhia de seu unico pensamento irrealisavel—o amor de Nora! Assim foi que encontrou Blandina. . . . E no acampamento, agora, esquecido das primeiras reminiscencias, embriagava-se com as ultimas occurrencias da hora. . . . Revia, num mesmo olhar contemplativo, o Lynce e o Centauro, Jupiter e o Cruzeiro do Sul, a que Mark Twain deu fóros de alegre papagaio... Embebia seus olhos nas luzes tremeluzentes dos astros, e via a flagrante intangibilidade dos céos que accendiam, tanto mais quanto se fazia maior

a ascensão de seu pensamento, o qual, frenético, se embaraçava, impoderoso, com os calculos das distancias e longitudes. Num ponto do Oriente, o céu começava a clarear, e um busto de mulher, de longa cabelleira desnastrada, negligentemente, crescia, enquanto Dudia, num arroubo d'enlevo, amaldiçoava-se pelo abandono e commoção em que se via. O ar era frio. O espaço, azul profundo. O cometa, trajando os linhos das nebulosas, palpitava, inquisitorialmente, regiamente. . . . Hora nocturna num acampamento de guardas religiosos, em caminho de defeza d'um templo qualquer, ameaçado de suprema ruina, pela decomposição de sua propria essencia. A' esquerda, desdobrando-se, somnolentemente, uma infinidade de barracas brancas, marcadas com o symbolo negro da Cruz. . . . Entre os comoros, guerreiramente, um feixe de lanças ensarilhadas, e, sob ellas, um fardo d'apetrechos bellicosos. . . . Ao fundo, sobre uma prolifera campina, um céu de noite clara e illuminada, indefinidamente, por um sem numero de radiosos astros. . . . A' direita, um alto muro d'uma nova cidade, no centro do qual, lembrando as portas de Carthago onde Mathô foi esbarrar, emmudeciam os dois portões do sul. Por ella, á luz escandescente do sol, entravam e saham, vistosos viandantes. Reclinados sobre blocos irregulares estavam muitos outros guardas christãos. . . . Dudia seria, arrebatadamente, o unico despertado entre os amigos de villegiatura forçada. . . . Elle contemplava do alto da scena, o movimento opulento das luzes sideraes. . . .



A C Ç Ã O



O busto soberano de Nora, modelado, satanicamente, na imagem de belleza augusta do cometa, sorria para Dudia. . . . Os seus dedos adelgaçados impelleram notas soltas numa cythara, que lhe estava ás mãos, enquanto elle se iniciava na visão extranha e primeira do astro. . . .

DUDIA (*ennervadamente*). — Adeus! adeus! adeus! O amante mais querido que não eu, jamais teria a visão magnífica de teu rosto de formosura e teus cabellos de espuma brilhante. . . . Tambem, no sentido de ganhar-te o amor, e só por isso, iniciei, abnegadamente, uma centena de milhares de sacrificios e de luctas outras. . . .

Fugi, arrebatadamente, de ti, e eis-me num campo de guerrilhas, exgottando a ultima gotta do falso nectar d'uma riqueza ingrata, para voltar aos mimos amorosos de Blandina, que tu me suggeriste, grandiosa, em meio da jornada, depois da palpitação violenta de nosso ultimo adeus!

Tenho guardado, sempre collado ao meu imo, o rico talisman que me offertára a tua primeira visão—a dor! Tendo vencido, intensamente forte, o demonio azul da chíméra que sonhei, para os meus proprios sentidos, fui um excellente Buddha. Parti. . . . Eis-me longe de ti a tiritar num embalsamado goso d'um amor á tua imagem abençoada ou maldita. . . . Sigo ainda, e, na encruci-

lhada das civilizações, já encontrei o valle transformado num illimitado mar de leite, sobre elle fluctuando um berço rubro, dominado, extatico, onde nascia uma flor de lotus, que me attraiu para longe de ti, no pensamento e na acção de repousar nos braços d'amor feliz. . . .

Agora, sem me ser dado retroceder, não sei se perpetue a existencia, com a perseguição continua de tua imagem, ou se me leve ao fim da guerra, para evitar a morte covarde de minhas proprias mãos.

O teu nome era o unico pungitivo de saudade que me esmaecia, para a alma, o clarão da vida, antes de meu amor feliz fazer-se encarnado em Blandina, a minha esposa. . . .

Tu ris? O teu nome, pois, crepitando nos meus labios ardidos de febres, tinha sensações que me faziam estremecer, que me doavam dolencias, scismas e prolongadas melancolias. . . .

O teu nome surgia sempre, para os meus ouvidos, com a obtusa entonação palatal do choro. . . .

A primeira lua que illuminou os estandartes e as lanças que nos conduziam para fóra de nossos lares, e, que a mim fazia sepultar a mumia verde de teu amor, surpreheudeu-nos em um recinto de rochedos, e só furtivamente meus olhos a fitaram. Entretanto, nessas horas, evaporava-se do mundo, um effluvio sanguineo—o das auroras de Maio friorento—, e, no hypnotico nervosismo dos povos, havia a salsugem das guerras por ideas fracas e fransinas. . . . Eras tu, de sombra em sombra, de quebrada em quebrada, que me trazia a revolta na paz suave e vaga da noite. . . .

Contemplando sempre o cometa, Dudia deixava-se gosar a bella expressão da grandiosidade celeste. Fruia o delicioso regalo da solidão, para dizer sob o peso da cruz d'um novo amor, a theoria pensada e sentida da lucidez, em um monologo pessimista, importuno, nordauano e injusto. . . .

DUDIA (*sem interromper-se*).—Blandina substituiu-te, e para o teu amor transformei-me em eunucho. . . . E' a dualidade das affeições: o odio que gerou o amor e o amor que fez a genese do odio. Não ha fórma do absoluto que se diga incontestavel. O orgulho parvo do absolutismo é, na rodante convulsão da vida, a formula execranda da pretensão humana. E nos differentes attritos que trazem as situações confusas e nebulosas, decidir-se pelo termo mais fraco, que precisa do esforço humano para erigir-se em principio forte, é a attitude commoda e aprasivel ao espirito que vive para lutar e que lucta, desassombradamente, para viver. . . .

Hoje vivo bem, porque sei que o humano muito me conhece e sabe que eu o conheço. Não paio, pelo oiro que tu detestaste, pela vangloria dos turbilhões mantenedores de falsidades, acima dos rumores todos, porque a materia tem um peso unico para todas as suas encarnações e determinações. Todavia, o segredo do amor que me ensinou Blandina, deu-me a sciencia de trazer a noção da vida algemada, como um grão de areia, nos cinco dedos d'esta mão mortal. . . .

E o bello cometa, lembrando a encarnação da primeira mulher, chamava o homem para as locubrações monotonas e selvagemmente referidas pelos labios de. . . .

DUDIA (*interrogativo*).—Para que t'apresentares-me com tantas e profusas seducções? Quererás que eu volte ao teu amor inicial?

O echo, desde as primeiras palavras, companheiro grato dos sons monologados, soou mais forte, mais cresco. . . .

O ECHO.—Inicial?

DUDIA (*attento*).—O que? como? Responde. . . .

O ECHO.—Onde. . . .

DUDIA (*confortado*). — Simplesmente echo. . . . O meu socego estará em parecer surdo ás suas palavras. Peregrinando, com o coração todo chagado por teus indifferentes olhos, sobre elle cahiu o balsamo de um novo amor. . . . Jesus! amparo do guarda da tua cruz!

Hei d'explicar-te, Nora, a razão intima dos meus pensamentos, refazendo a duvida da tua existencia.

Porque Jupiter, tão soberbo, junto de ti, vive agora? Penso que jamais exististe. . . . Aqui, oiço o trillar dos grillos nas areias alvas. As estrellas todas lembram espiritos fugitivos, e se assim fossem, realmente, tu tambem terias existido. . . . Mas, então, na terra de meus paes, tu não foste mulher? Agora apertei contra o meu peito a ser-

pente da duvida. Invade-me a ancia de gritar aos mundos:

—Mentes! tu nunca tiveste existencia real!... sim! tu mentes, não é exacto? Accorda, se estás dormindo! falla, se não és falsa! resmungá, si tens palavra!

A alma humana é sempre inteiramente preenchida pelo amor actual. Como a terra é grande, tão grande quanto ella sóe ser! O corpo é estreito como uma sandalia.

Transpondo os muros d'esta cidade, encontrarei Blandina. Em seu seio vive um novo ser, elle é meu filho. Ha de nascer numa noite de luar. Quando eu nasci, uma princesinha offerecia-me thesoiros, porque os devia em pagamento da lealdade da sua camareira fidalga; quando meu filho nascer, o pae Eleazar ha d'offerecer-lhe flores colhidas ás margens d'um lago; quando os cysnes grasnarem, começarei a quebrar os ultimos despojos da fortuna que foi minha e dos meus. . . .

Sobre o cometa lançava-se,
feroz, uma nuvem espessa. . . .

DUDIA.—Occultas-te, mulher? Dóe-te a essencia como si te cortassem as carnes a azorrague. Hei de friccionar o corpo de meu filho, com as orientaes folhas de cniza, para fazel-o casto e indifferente aos carinhos da mulher. Elle, sómente encontrará attractivos, para admirar, em Blandina. Será ella a sua unica afeição e o seu imo só comportará o amor de filho . . . Mãe das flores! ampara, com todos esses meus votos, o primeiro vagido d'existencia do filho de Blandina! . . . guiae-lhe os passos no nascimento . . .

A nuvem affastava-se lentamente do cometa, e elle rebrilhava, enchendo de luz a sua athmosphera mais clara . . .

DUDIA.—Que extranho clarão, o de teu rosto, Nora! Reappareces-me para ouvir os meus lamentos . . . O teu rosto sorri . . . E a athmosphera enche-se d'um odor ameaçante . . .

Abriram-se, repentinamente, os portões da cidade despertada. O povo, em molle, atemorizado com a visão luzente do cometa, presagio certo d'infortunios, corria com os cabellos enfunados, os olhos extranhamente abertos, incendidos, imersos no horror d'estampa celestial. O acampamento ergueu-se subitamente; as lanças desafivelaram-se dos entricheiramentos; os guardas brandiam, afiando, ás armas; as trombetas clarinavam, tentadoramente, as notas d'alarma . . . Então, as massas acotovellaram-se . . . Sobre um bloco de granito, subira um ancião e a sua fronte brilhava em suas cans de neve e prata . . . Um silencio d'estupefacção foi escutado, repentinamente . . .

ELEAZAR (*vibrante*).—Vêde, irmãos! Vêde o brilhante archote divino que nos traz o signal do castigo . . .

Dudia, magnetizado com a assignalada brancura da visão celeste, onde se desenhava o perfil de Nora, da primeira mulher

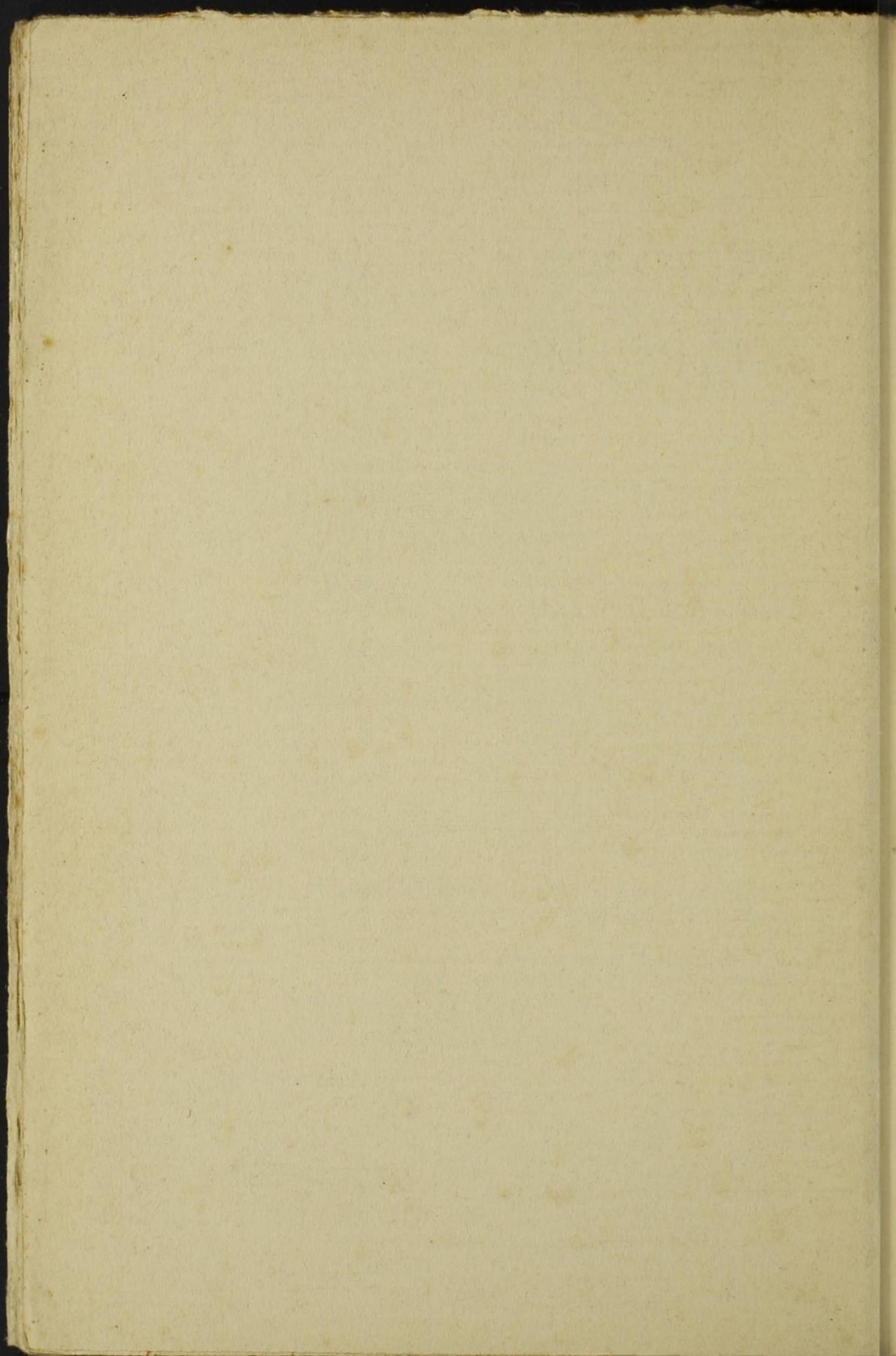
amada, só foi trasido á realidade quando sentio as unccões da palavra maga e sapiente do pae Eleazar . . . Beijando as vestes do progenitor amado, Blandina acenava para Dudia . . . E o povo escutava a voz cheia de fé do ancião sabio e respeitado, no momento . . .

ELEAZAR.—Tem a fórma d'uma espada. E' pelo seu gume que nos ha de vir a morte . . . Carne vermelha, sangue a escorrer, ruinas a esfumarem-se... Affigura-se-me a colera de Deus . . . Não ha poder humano que vença os designios divinos . . . Um rei forte, Nabucodonosor, prostrou-se de faces no chão e adorou Daniel. O facho é abrasador. O castigo será tremendo. O fogo é o unico poderoso...

Eleazar pendeu a cabeça. O fremito das suas palavras arrancadas das profundezas da maior percepção, communicava-se ás massas. O silencio era extremamente prolongado. As vibrações, as altas vibrações das ephemer-ras, eram sentidas em toda a sua subtileza . . . Um grunhido prolongado de chacal, longinquo, chegou até ás massas que se aconchegaram, medrosamente...

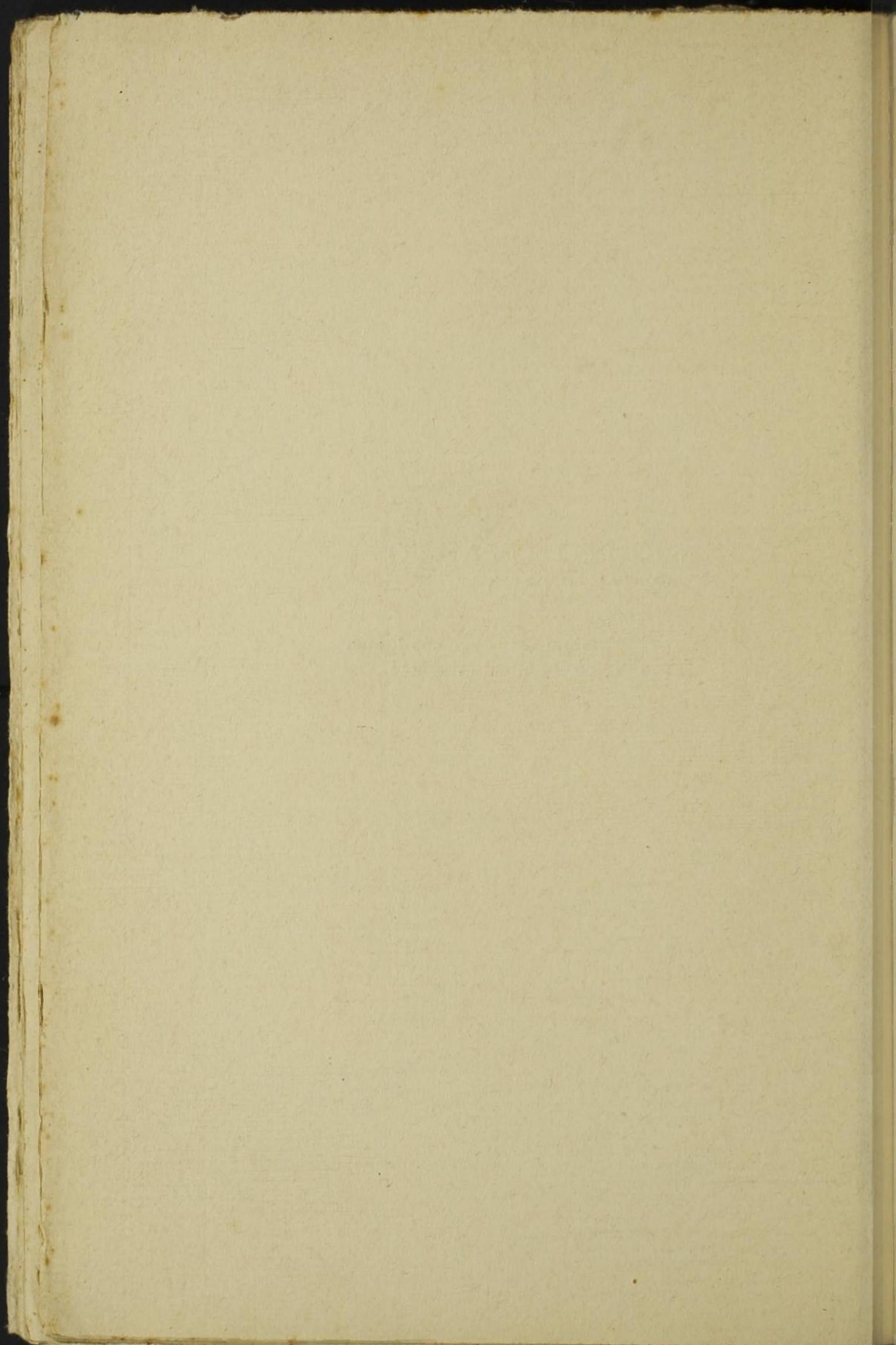
ELEAZAR.—Porque tremeis? Tranquillisae-vos... Tempo virá, tempo virá . . .

E as multidões serenaram, aparentemente, na contemplação do astro . . .



COLLOQUIO QVARTO
E VLTIMO

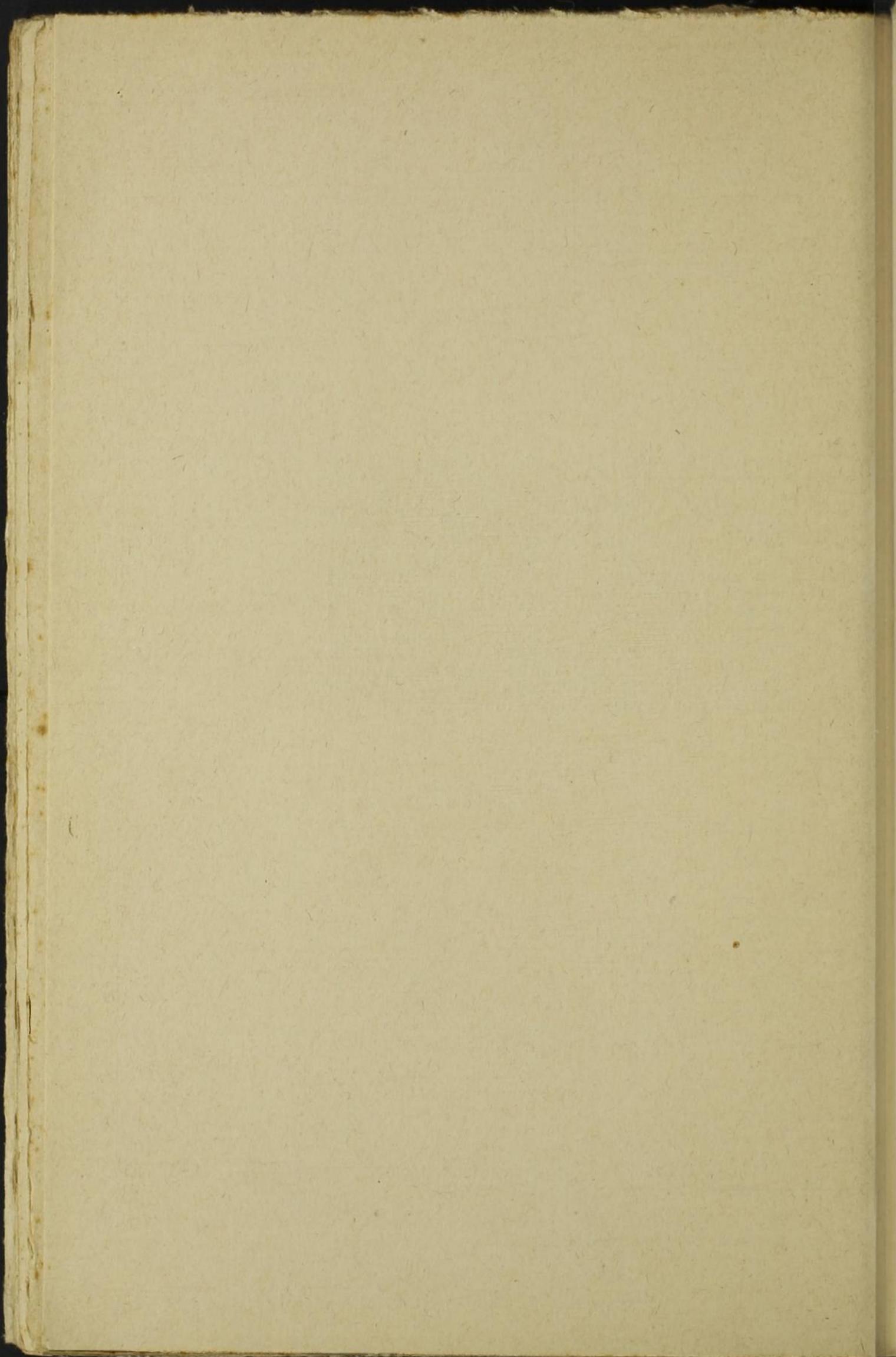
Signatum est super nos lumen
vultus tui Domine . . . BIBLIA.



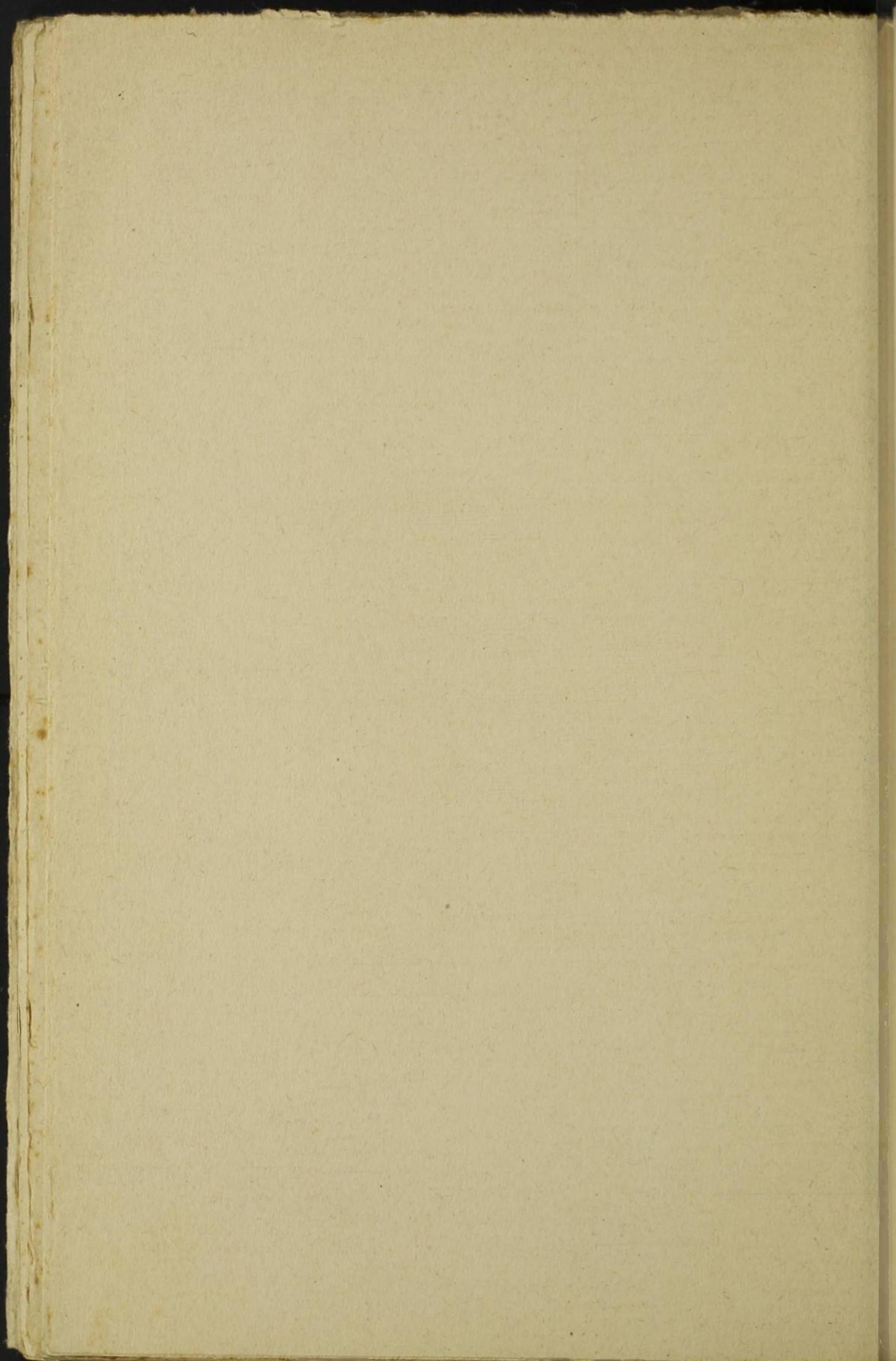
... campos safaros e devastados, pelo destroço inenarravel d'uma esturrada secca... Succumbiam, fanadas e tostadas pelo alto calor solar, as florinhas silvestres, e as plantas todas, balouçadas por uma brisa disseminadora de maleficios, conlorciam-se, e, amarellecidas, estarrecidas, tambem se fanavam, tambem se estiolavam. As folhagens seccas, derribadas sobre o sólo cálido, despojaram, com suas quédas, os arvoredos de suas sumptuosas vestias. Os fructos definhavam. Os ramos, outr'ora copudos e verdes, estavam pardacentos e lugubres, como os amedrontadores gigantes fantasticos d'inverosimeis lendas d'Oriente fertil. Os regatos, tão bastos e limpidos, flagelladamente, perderam, gotta a gotta, as suas aguas, e as nuvens carregadas, os nimbos, os extractos, que lhes dariam caudal em eras outras d'abastança e fartura, cortavam os espaços, silentes e electricadas, indifferentes de todo, aos clamores d'uma grande natureza ferozmente anniquilada. Sobre um velho tronco de madeira carcomida e secca, estava pousado, morbidamente, um ancião, unico sobrevivente, de barbas longas e nevadas. No horizonte affastado, distinguiam-se os vestigios d'uma aldeia, e, para visital-a, bastaria, então, cortar as selvas esgravetadas e desfolhadas. Outr'ora, afortunado, o grupo humano, agora, estava escasso e reduzido. Resistiam as malaventuras e aos riscos da fome céga, os fortes, os que riam, serenamente, dos estertores alheios. Nem um exilio d'antigos deuses contado por Heine, e nem valera o renovamento do brado, que em

tempo Michelet recordara — *Le grand Pan est mort!* Alli estava em carcassas, tambem, o centro das humildes habitações. Cabanas espalhadas, desordenadamente, pelas barrócas, não tinham viventes, muitas d'ellas, e outras eram moradas por famelicos e apodrecidos... uns cevavam-se nas carnes putrefactas dos mais novos na morte e assim inficcionados, empestavam-se... Eleazar era o ancião. Proximas d'elle, as gramminéas não faziam mais os luxuosos tapetes relvosos, onde pastassem, ainda mesmo engoiados, anhos, hancaneas e onagros... gastas, inteiramente, e ardidias pelo sol, deixavam apparecer as granulósidades dos calhaos e dos seixos, que compunham o pedregoso sólo, as pontas mais alevantadas dos rochedos subterraneos, sobre as quaes se estatelavam, instinctivamente, mal nutridos reptis, desenvolvidos saurios de variadas colorações. Onde havia um cadaver exposto sem um vigia attento, um bando de condóres banquetava-se, piadamente. A secca, permanente, á guisa d'immutavel, trazia, em toda a parte, o panorama medonho d'uma infinita necropole. Nas furnas acoutavam-se, fugindo das terríveis intemperies, outros tantos damninhos animaes, ultimos especimens de sua genealogia. Serpentes alhanses e tintinabulantes, excessivamente venenosas, bôas, viboras terríveis, aninhavam-se nessas cavernas d'entradas escabrosas e difficeis. Era nas baixas d'essas penhas, que, outr'ora, cresciam vicejantes lyrios rubros, como sangueiras, cujas lendas originaes enchiam de poesia a imaginação sertaneja, aloen-

dros floridos, oloresos craveiros e perfumosos carabacios, importados d'outras partes mais fidalgas em vegetações nobres e em especimens valiosos. Eleazar, sentado sobre o velho tronco carcomido pelos escaravelhos, respirava offegante, angustioso, nos derradeiros momentos de vida attribulada. Desconjunctados já, ardendo na pyra das causações finaes, vidas extinctas que geravam milhões de vidas novas, os cadaveres de Dudia e de Blandina, collados aos seios d'esta, os labios enrôxecidos da primogenita de seus amores, jaziam vigiados por Eleazar, que usava dos ultimos fragmentos de suas forças, para affastar, dos seus, as orgias dos devassos córvos . . .



ACÇÃO



Os momentos finaes cresciam, emquanto, numa monotonia de máo scenario, devastado por scenas lugubres e tragicas, arrastando a sua voz enfraquecida, exprimia-se . . .

ELEAZAR.—Por encostas quentes e escabrosas subi ao cume mais alto, do qual me arrojoo, sem detenções . . . Tenho fome, tenho sêde . . . E' uma falta de forças . . . Amei, padeci, suffoquei-me, arrependi-me, cahi, e agoniso, emquanto longe d'aqui, noutras terras e noutros mundos, passa, de bolsa transbordante e semblantes satisfeitos, a cohorte dos victoriosos que não soffreram e não sangraram . . . Nada, pois, agora, me resta . . . Castallio, feliz na morte, sepultei-o, eu mesmo, ao lado da mulher que elle amou e sacrificou no templo de sua fanatica luxuria, á sombra d'um singultoso eloendro que lhe perfumará o tumulo . . . De Blandina, está alli o corpo edematisado pela podridão, sem uma pá de cal que lhe destrúa as carnes . . . Perto d'ella voam os abutres . . . Entretanto, sei que, si as aves carniceiras não se fartam nas suas carnes mortas, myriades d'animaculos outros, pequeninos, occultos, nellas se ceavam, opiparamente, sem que eu os possa perseguir! . . . Sinto que vae beijar-me a morte. Maldito ouro que nos faltou, filhos meus, nos ultimos fragmentos da vida, deixando-nos, perversamente, o

legado do desamparo! Em que floresta succuba anda errante a minha pobre alma que foge, prolongadamente, dos ultimos abysmos traiçoeiros?! Dudia era rico e perdeu o ouro... O que fazer? Renegou-o a conselhos de mim partidos e encaminhados por Blandina... ah! de quem jamais ouvirei a doce voz chamando-me, travessamente, de pae... sim! Horror! infortunio! Não é de balde que se tem apregoadado, por ahi afóra, que o nascimento e não a morte deveria ser chorado immensamente. Fui moço e se perdi ao jogo, jamais tentei matar-me, ainda mesmo nesses transes mais dolorosos d'existencia penosa. O busto do suicida horrorisa-me: tive asco quando encarei Castallio cadaver por suas proprias mãos...

Pequeno silencio de fadiga e d'aborrecimento... Os leões da fome faziam corpos e corpos vencidos...

ELEAZAR (*pusillanime*).—Ouço, n'amplidão d'estas seáras mortas, as maravilhosas gritarias d'um carnaval furioso. O povo, em multidões, gralha e grulha, salta e canta com o silencio da morte. E' o carnaval da noite eterna. O sol, quando o vi, no poente de ha pouco, appareceu-me, como um fantasma, e, certamente, nunca mais, o verei... A minha mortalha, o manto escuro do firmamento, recamado de cirios ondeantes e subtis, está talhada por entre os risos dos carnavalescos... A minha tumba, rica de profundas trevas amargas, opulenta em sombras fugitivas e formas indecisas, enche-se com as flores seccas das minhas facecias humanas, de minhas allucinações mundanas, num

reboar angustioso de suspiros jogralescos. E um exercito de milhões de bruxas, ao jugo d'uma noite que gargalha, estridentemente, numa massa convulsiva e cascavellante, ri, ri, ri, ri . . . medonhamente . . . destruidoramente . . . faccinorosamente . . . no reinado da morte . . . no imperio dos exterminios . . .

Num abandono d'ultimo deliquio, Blandina, esmaiada, branca, como uma lua morta, acabava de, ruidosamente, fender as epidermes do ventre cyanotico e azul de podridões . . .

ELEAZAR (*imaginativo*).—Nos momentos em que o homem repousa nas antecamaras da morte, revista, rapidamente, o seu passado. As idéas cortam-me o cerebro, nostalgicamente. Os minimos incidentes, de toda uma vida, voltam á tona como os borbulhos d'agua que se agita nos pantanos. Castallio insiste deante de meus pensamentos com a sua visão aterradora d'enforcado. Um vicioso elle fôra. O seu halito, sempre, ostentou as exhalções zimbrosas da embriaguez predilecta . . . Quando perdia ao jogo, tão differente de mim! . . . era até faccinora, e foi elle quem arregimentou as pedras e as vaias no acampamento das mesnadas religiosas. Eu não sei que sentimentos d'arrepentimento e perdão estão, agora, em afflictiva genese dentro em mim. Eu li Edgard Allan Põe; eu reli Gustave Droz; eu sonhei com Ada Negri . . . E quando os estudava, era feliz porque me sentia fôra do circulo morbido em que se debatiam, não só os auctores, como, principalmente, os seus per-

sonagens . . . No entanto, agora, que revejo o corpo semi-nú de Castallio, preso por uma corda ao pescoço, no ramo pendido d'uma arvore, pouso, hoje, dos córvos e mochos, percorrem-me, o corpo todo, nervosos calefrios de remorso. Porque lhe dei o ser? Foi elle desventurado porque o fiz nascer . . . Na morte, precedeu-me, assáz, em tempo, e quando elle tirou a jaleca e lançou o nó do enforcado ao pescoço nú, as eras eram tão boas, tão felizes, para a minha humildade de religionario do trabalho, que amarguro, agora, um intermino roزاریo de saudades . . .

Olhando para o cadaver despedaçado da filha, onde, a cada vibração de decomposições, havia o som, o rhythmo, de milhões de vidas novas, proferiu, abandonadamente . . .

ELEAZAR.—Deixar-te, assim, ao abandono, entregue aos córvos . . . Minh'alma vae seguir a tua . . . Sou, dos nossos, o ultimo conviva que penetra nos salões da morte . . .

PRIMEIRA VOZ.—Comtudo serás a primeira victima d'uma fé inexgottavel . . . Religião da Suprema Pobreza !

E o velho, transfigurado, extremidades gélidas, escutava amedrontadamente . . .

SEGUNDA VOZ.—Eu sou o Trabalho . . . Ven-
ceste-me . . .

Uma outra voz, sempre a mesma, por uma infeliz rememoração de paginas lidas, a do corvo ensinado de Allan Pöe, fazia o terroroso estribilho ...

O CORVO.—Jamais!

TERCEIRA VOZ.—Eu sou a Propriedade... Subjugaste-me...

O CORVO.—Jamais!

Houve, com a chegada d'um esqualido e escanifrado quadrupede, um chocante batimento d'azas fláccidas...

QUARTA VOZ.—Eu sou a Luxuria... Combateste-me...

QUINTA VOZ.—Eu sou a Liberdade... Ganhas-te-me...

ELEAZAR (*convicto*).—Quero ouvir as vozes dos sentimentos confundidas com os clamores dos elementos... Felizes os que não renegam os vícios, as maldades, porque têm venturas na morte... Desgraçados os que, como eu, foram puros, porque caem nos isolamentos tetricos da hora final... Até o crepusculo eterno para estes é vagaroso...

SEXTA VOZ.—Eu sou a Colera... Despresaste-me...

SETIMA VOZ.—Eu sou o Ouro... Sou a Riqueza... Maldigo-te, imperterritito inimigo... Venci-te na hora extrema... Os que me possuíram estão salvos... Venci-te, Eleazar, venci-te...

ELEAZAR (*arrepellido*).—Ah! perdôa!... per-

dôa!... Salva-me, restituindo-me a filha formosa... Imploro-te, constricto... Salva-me, perdôa!

OITAVA VOZ.—E' tarde!... bastante tarde!... Eu sou o Arrependimento, homem covarde!... E' tarde!

NONA VOZ.—Dar-te-ei salvação... Sou, novamente, a Riqueza... sou a Riqueza!...

DECIMA VOZ.—Jamais, pae, jamais! Eu sou Blandina... Tua filha, na vida attribulada e na morte redemptora... Morrerás commigo ou eu te abominarei em tua maior covardia, pae Eleazar!...

ELEAZAR (*orando*).—Blandina! santa creatura!...

As palavras d'Eleazar já eram como azas, abrindo e fechando, em moribunda surdina...

ELEAZAR.—Mulher divina!... Serás tú?... Mãe carinhosa e immaculada! Alquebrado, exhalando as ultimas restes da vida, oro e imploro-te supplice... Dá-me a vida ou a morte!... O meu corpo a ti pertence... A minh'alma tua é!... Nesta hora de negerrimos succubatos, a tua voz, velada de rhythmos alentadores, chega-me vibrante de resignação e coragem...

Da lucta tremenda d'incidentes varios e multicolores, ouviam-se as novas disposições d'uma outra...

Voz.—Escolhe a morte, pae, e serás eternamente feliz... A vida, tão ferozmente lategada pelo ouro, dar-te-á uma outra velhice tanto mais

sobrecarregada de torturações, quanto maior fôr a profundez de tua corrupção, de tua villania final... Terás, então, um extremo lugubre que não este... A morte virá, emfim, tapar-te a bocca com um punhado d'ouro candente, para não tanto grites os principios sagrados de tua religião...

Voltava o silencio vencedor, durante o tempo em que, cravando, desapiedadamente, em seu collo enrigecido pelos annos e secco pela fome, o alfange de guarda christão, retirado da cinta vermelha de Dudia, moribundamente, murmurava, arquejando...

ELEAZAR.—Sim! dolorosa velhice... tão cheia de plangencias... e tristezas... Noite escura... noite de necropoles, é o fim da vida... Enregelase-me o coração... Que frio!... O homem faz-se de marmore... Martyrio... innominavel... Sinto... fugir-me a vi... i... i... são... (*retorcendo-se e pausando muito as suas palavras*) Apagam-se as estrellas... metalisadas... Per... tur... bam... se... os meus senti... i... dos... O' nulla humanidade que tanto idolatra o ouro!... (*disse num arranco doloroso*) Maldita!... Já te... não vejo... Minh'al... (*as ultimas syllabas das palavras perdiam-se inteiramente*) é... tua... Blandi... Mor... ro...

E rolou.

Sobre os cadaveres dos flagellados pela fome, dos desprovidos d'ouro, retorceu-se o corpo

inanimado d'Eleazar. A natureza, fria e muda, como uma ancilla ajoelhada, constricta, e, genuflexamente, adoradora, que contemplava a attitude rispida do senhor, deixava-se admirar no sacrificio das victimas d'ouro, impoderosa quanto aos seus proprios elementos, emquanto, num ultimo murmuro, reticenciavam os mesmos elementos, e, espirante, syllabava...

ELEAZAR.—Blan... di... na !...

E, num unisono rigorosamente tetrico, disseram succubas... disseram em sons esparcos...

TODAS AS VOZES.—E' morto !... é morto !...

E, no silencio mortuario dos campos safaros, ouvia-se echoado, funereamente, lugubrememente... É MORTO ! É MORTO !... E uma sombra noctambula e perfida, num cortejo de sinistros animaes camareiros, dizia como a ultima voz, nuns ruflamentos d'azas de córvos negros...

A SOMBRA.—Bem dita a victima da santa Religião da Pobreza e da Paz Humana !

MUITAS VOZES.—Bem dita !

E, repetidamente, chocado nos troncos pardacentos das selvas tumulares, ouviu-se fallar, novamente...

O ECHO.—Bem dita !

E, na immensa escuridão impenetravel da noite, um pyrilampo, em monologos de luz verde, illuminou um rosto lucido, que só o pensamento triste logrou enfestar, enquanto se ouvia sempre...

O ECHO.—Bem dita !

Fluidos extranhos evolados, candidamente, para as regiões d'ideal profundo, em córos com a voz do echo, pareciam repetir, sentidamente, em suas altiloquentes espiráes crescentes...

OS FLUIDOS.— Bem dita ! (*mais ao longe*)...

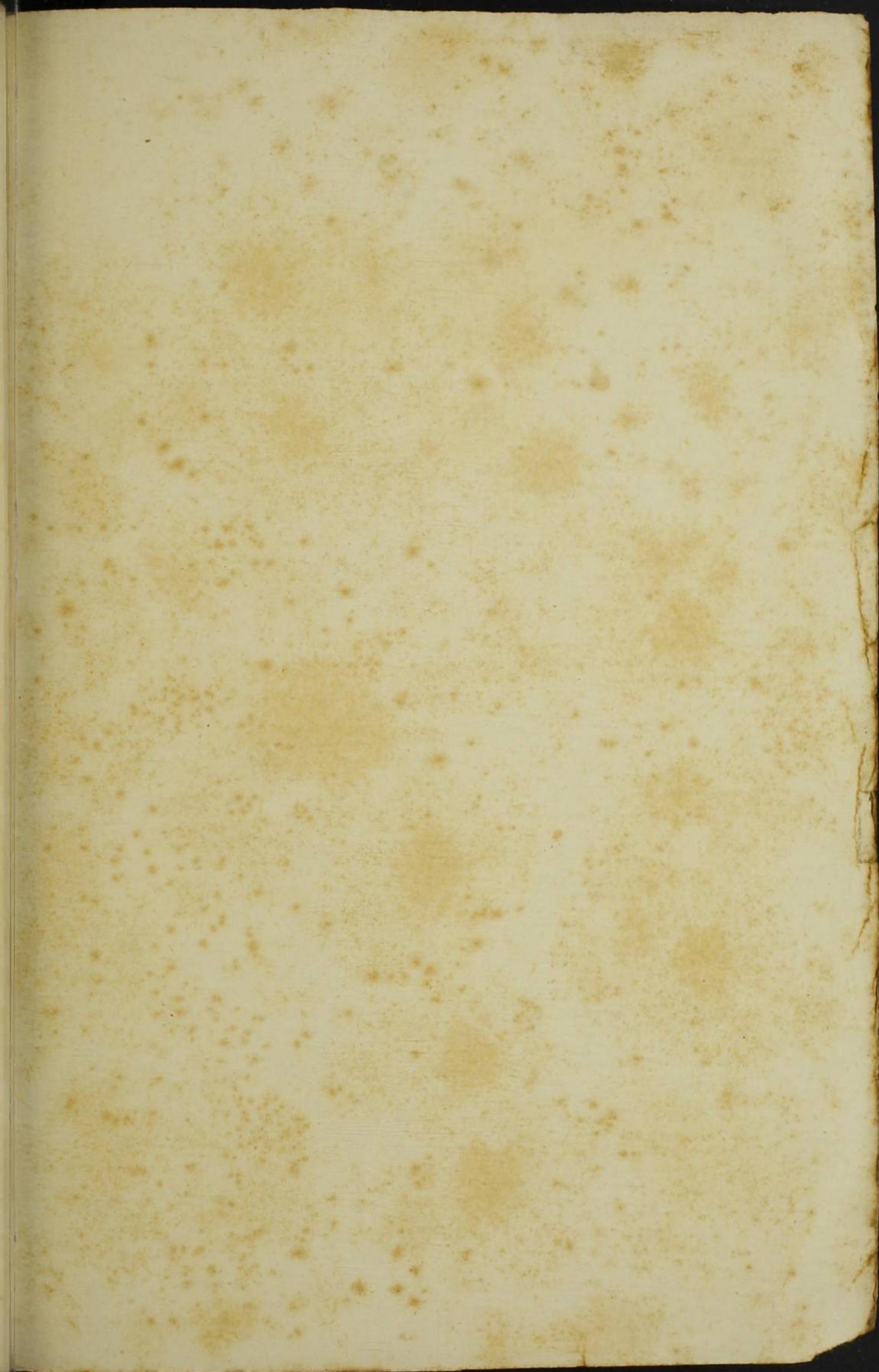
Bem dita ! (*finalmente*) Bem dita !

E o som perdeu-se definitivamente nas longas expansões athmosphericas...

ACTA EST FABVLA

Inverno de 1904

ESTE LIVRO FOI TRABALHADO,
PARA UMA EDIÇÃO DE DUZEN-
TOS E TRES EXEMPLARES (NU-
MERADOS E RUBRICADOS PELO
AUCTOR) NAS OFFICINAS DA
TYPOGRAPHIA BAHIANA, DE
CINCINNATO MELCHIADES, TER-
MINANDO-SE A SUA IMPRESSÃO
EM 18 DE JULHO DE 1905.





TYPOGRAPHIA BAHIANA

DE

Cincinnato Melchiades

25 — Rua do Arsenal de Marinha — 25

BAHIA

